This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

STANFORD UNIVERSITY
LIBRARIES

POEMAS;

QUE

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

MANOEL PAES DE ARAGÃO TRIGOZO,

CONEGO ARCEDIAGO DA SÉ DE VISEU, LENTE DE PRIMA JUBILADO NA FACULDADE DE CANONES, VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, etc. etc. etc.

D. O. C.

OVIDIO SARAIVA DE CARVALHO E SILVA.

Ergo cave liber, et tunicâ circumspice fronte,
Ut satis à media sit tibi plebe legi:
Dum petit infirmis nimium sublimia pennis
Icarus, Icarias nomine fecit aquas.
Ovid. Trist. Lib. 1.

COIMBRA,
NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.
1 8 0 8.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

M 80

Carmina possumus
Donare, et pretium dicere muneris.
Horat. L. 4. Od. 8.

Se ao Canto dei a voz, dei a alma ao pranto;
E dando a penna á mão, esta só parte
De minhas tristes penas escrevêo.
Cam. Sonet. CLXXXII.

DEDICATORIA.

SE não temêra, que os salgados mares
Da minha queda recebessem nome,
Bem como desse Heróe das mortas Eras;
E qué o vindouro indigitando absorto
Dissesse „ alli morreo o afouto Ovidio „
Subira ufano á Região dos Ventos,
Dando ás robustas, ás penudas azas;
Deixara atraz de mim nuvens, Estrellas;
E como hum ponto para a terra olhara.
Aves covardes se amedrontão, tremem
D'Aguia arrogante aos arrogantes vôos:
Mas s'improvisa, rubida lufada
Ao encontro me sahisse, e dos relampos
Sulfurino clarão me apavorasse?
Hum Mecenas por tanto, em ti procuro,
Trigozo Bemfeitor, dos Ceos ó Mimo:
Em ti, que tens huma Alma, o proprio cofre
D'altas virtudes, d'altas qualidades,
Assombro a todos, a ninguem preludio:

Em ti, que hes Vice-Pai de mim, dos outros,
Que o Templo d'Alea com disvello trilhão:
Em ti, que firme sobre os firmes hombros
Sustentas sem senão deficeis cargos.
Se o féro Dictalião, raivando o Olimpo;
*Degolla o Chefe d'hum Romano * ás preces;*
Se a torva ingratidão fumando airada
Lhe suplantara o sitibundo collo;
Não heide ser assim; farei teu nome,
Sobre as plumas d'hum Estro arrebatado,
Soar de Ceos em Ceos, de mundo em mundos.
O coro do Parnaso entre mil cantos,
Mil cantos festivaes, já dá mil provas
De quanto esta eleição lhe apraz, o encanta.

---

* Q. S. Cæpião, successor, e irmão de Serviliano, que o Senado depoz, por persuadir-se, que tinha feito hum tratado de paz com os Lusitanos, desairoso ás armas Romanas, quando sitiava Erisana.

Incultos versos, ó Leitor, te offreço,
Prole d'hum Vate, que há tres annos vôa
Pelos immensos, Heliconios ares.

SONETO I.

APenas tristes, ds meus olhos virão
O rutilo explendor do Sol dourado,
Prenhes de raios, por meu negro Fado,
Nuvens os altos Ceos logo cubrirão;

Do Barathro os portões logo se abrirão
A' bronsea chave de Plutão ralvado;
E de pallidas furias bando alado
Rebentou sobre mim; malles surgirão:

No plaustro d'afflicção Dragão imigo
Azoda os dias meus; mais me amargura
Negra lembrança de futuro prigo;

Oh! se tão bronseo Fado assim atura,
Antes, antes, ó Campa, o teu abrigo;
Antes a noite sempiterna, escura.

SONETO II.

Estes os areaes; que via Alcina,
Mal rompia a manhãa no Ceo lustroso;
Apascentava o gado numeroso
No aljofrado verdôr desta Collina.

Nesta risonha, placida campina
Tinha a colmada, habitação do gozo;
Nella o inverno cruel, verão calmoso
Passava a Bella, que a chorar m'ensina.

Aquelle o bosque, he esta a mesma fonte,
Tudo vejo... não vejo Alcina bella:
Onde estás?... diz por ella o monte, o monte.

„ Alcina he morta, a rosea face della
Lá jaz na furna, que alli stá defronte;
Sua alma luz no Ceo brilhante Estrella.

SONETO III.

MAis, a mais reconheço, Omni-potente,
Teu poder sobre os Ceos, e sobre a terra;
A' tua voz, que a natureza atterra,
Hé ente o mesmo nada, he nada o ente.

De balde Athêo sacrilego, e demente
Contra o teu summo Ser declara guerra;
Se diz, que não existes, ah! quanto erra!
Se diz, que não imperas, mente, e mente.

Fita os olhos ingrato, malfadado,
Nas vastas obras da natura vasta,
Reconhece hum Author do que he creado.

E se tanta grandeza não te arrasta,
A confessar hum Deos, vê a meu lado
Quatro Graças * gentis, vê se te basta.

* São quatro Senhoras, e irmãas qual dellas mais gentil.

SONETO IV.

FARMACEUTRIO.

A Branca Cinthia transmontara o cume
D'abobada, que rege huma das Musas, *
Bulcões, e nuvens, pelo Ceo confusas,
O mundo assombrão d'horrido negrume.

Move o ethereo fusil potente o Nume,
E as vozes dos trovões, pelo ar diffusas,
Mundo atterrão; e tu ó morte cruzas
Os turvos ares com o buido gume.

Lá cahe o raio com fragor, violencia
No pobre alvergue do pastor choroso,
Lá cahe dos torreões na preeminencia.

Oh! quanto hum Mago val! vejo com goso
Effeitos, que produz minha alta Sciencia,
A' sombra horrenda deste Cedro umbroso.

* Urania.

SONETO V.

Cuberta a varzea está, cuberto o monte
D'alvissimo regello deslumbrante;
Por esta rifa corre susurrante,
Cheia de lôdo, a entumecida fonte.

Lá fere fogo ao longe no Horisonte
O Celeste fusil d'instante, a instante;
Austro raivoso aos Cedros arrogante
Ao chão derruba a verde-escura fronte.

Balla medroso lá no Outeiro o gado,
Medroso o pegureiro encontra a morte
Do lado esquerdo, do direito lado.

Que Sorte horrenda!... mas mudara a Sorte,
S'inda Lilia gentil visse este prado;
Lilia, que ó Parca, já provou teu córte.

SONETO VI.

Que veja, ó duro Ceo, meu terno amigo
No leito d'afflicção mil ais soltando!
Comtigo, ó morte, pallido lutando,
Cahindo n'hum perigo, e outro perigo!

Oh! como abre os portões negro o Jasigo,
C'os sentidos em ti, ó miserando!
Da eternidade as sombras apalpando,
Lá te vejo infeliz . . . oh! como o digo!

Brevemente verei a terra dar-te
Fetida corrupção, pois quem nos ama
Esta lei promulgou com sciencia, e arte.

Mas oh! que importa! por varão te acclama
A celeste razão; por toda a parte
Espalha o nome teu brilhante fama.

SONETO VII.

ENcontrei o lugar tão anhellado . . .
O' bosque, sim tu és, a quem procuro:
Teu ámago d'horror, teu centro escuro
Encerrará meu corpo á meste dado.

Este agudo punhal (pois quer meu Fado)
Em mim heide enterrar, aos Ceos o juro:
Mas que mão me sustenta o braço impuro,
E assim me falla com potente brado?

„ Tu que tens sempre, e sempre as leis supernas
Seguido desse Deos, que ao sabio, ao rude
Castiga os crimes com penções eternas,

Despe a louca paixão, que hoje te illude;
A virtude, a razão irmãs são ternas,
Onde falta a razão falta a virtude. „

SONETO VIII.

QUe anhellas mais de mim, Ritalia dura?
Accaso poucas são inda as finezas,
Que este meigo Pastor, duro ás cruezas,
Tem-te offertado com a fé mais pura?

Quantas vezes, cruel, na gandra escura
Fiel te acompanhei? e isto não pézas?
Quantas vezes zombei d'outras bellezas?
Que anhellas mais de mim, Ritalia dura?

Mas oh! que ouço dizer-te inda arrogante,
Que inda provas não tens d'amor profundo,
Que inda aos Ceos não jurei ser-te constante.

Que illusão tão cruel!... ó Ceo rotundo,
Tu me ouviste jurar; da jura amante
„ Inda o éco ressôa no val fundo. „

SONETO IX.

Do dia foge a luz, e a noite o mundo
Cobre c'o manto seu pardo, e trevoso;
Ferve nas rochas o Hellesponto undoso,
E d'Hero o Torreão pugna iracundo.

Leandro esse infeliz, terno, e jucundo
A's ondas se lançou do pégo iroso;
Recresce em tanto o vento furioso,
E o Hellesponto revolve o seio fundo.

Ei-lo perdendo a força arrebatada . . .
Co'as ondas luta em vão com voz sumida:
Estas vozes soltou da boca honrada:

O' Hero, ó Hero . . . amada enternecida,
Oh! que as ondas me sorv . . . a Deos amada . . .
No Elisio te verei . . . a Deos querida.

SONETO X.

Nestes, ó Celia, outeiros tão incultos,
Que as nuvens tocão co'a rompente fronte,
Corre a medonha, pavorosa fonte,
Em que se lavão mil Estigios vultos;

Sapientes Magos, que alli stão sepultos
Na cava entranha deste calvo monte,
Quando existião (ah! não sei se o conte)
Bem me agouravão teus crueis insultos:

„ Celio (dizião) Celio inda não pensa
Na sorte horrenda, que lhe aprompta o Fado,
Antes, que o enlute a eterna noite imensa:

Lilia monstro, d'hum monstro aborto hervado,
Aos seus dias fará perpetua offença;
„ Eis o agouro, ó cruel, verificado. „

SONETO XL

QUe horrenda Solidão! os troncos tremem
Ao rabido empurrão de roucos Ventos;
D'hum lado, e'outro lado á noite attentos,
Sepulchreos Mochos nas cavernas gemem.

Ondas ao longe solitarias fremem
Nos cavados rochedos corpulentos;
Tremem os montes aos trovões violentos;
Uivão os monstros, que atros malles temem.

Baços fantasmas pavorosos errão
Por aqui, por alli, na terra triste
Chovem mil Raios d'alta mão tremenda.

Medos, que o mundo atterrão, não me atterrão:
Como já sob a campa Analia existe,
He-me grato o pavor da noite horrenda.

SONETO XII.

QUe affaveis dias desfructei n'outr
Quando Celia, o meu bem, me foi cc
E beber me fazia a luz brilhante
Da morada celeste encantadora!

Mas depois, que a cruel, ferrea Pas
Pulsos desvinculou, foi-me inconsta
Eclipsou-se p'ra mim a fulgurante
Estrella do prazer, namoradora:

Como d'antes, p'ra mim, já não flor
Esta verde Campina, e só milhares
De tormentos crueis o Ceo me tec

Negra nuvem me abafa os negros lare
E toda a natureza me parece
„ Campas, Sepulchros, horridos lu

SONETO XIII.

D'Occulta mão guiado, pavoroso
Entrei por fado meu no averno hum dia,
Depois de ter passado a margem fria
Do adormecido Lethes preguiçoso.

N'hum fèrreo Throno o reino tenebroso
O negro Deos Plutão cruel regía;
E a seus pés entre brazas a agonia,
Morde, e remorde o corpo venenoso.

Enroscado dragão lá jaz d'hum lado,
D'outro lado lá jaz furia, ciume
Cevando em corações o dente hervado.

Sua lingua arremeda o crespo gume,
Faz o inferno tremer c'hum só seu brado
„ Vibra raios a boca, os olhos lume. „

SONETO XIV.

SE hé por acaso certo, ó Lilia bella,
O voato infernal, a negra fama,
Que a honra, que os teus creditos infama
Ouve Lilia cruel quèm te disvella:

„ Seja, seja mais negra a tua estrella,
Que a estrella do infeliz, que á sêde inflamma
Contra os teus dias urda hortivel trama
Da noite a producção, Parca amarella.

O veneno d'amor por taça escura
Bebas, Lilia infeliz, por vezes cento,
Não vás parar tão cedo á sepultura.

Tua sombra ao depois dada ao tormento,
Por lustros mil divague a praia impura
Do Charontico rio somnolento.

SONETO XV.

HUm carro de marfim, Pombas plumosas
Pelos ares subtis lá vem tirando;
A nivea Idalia com seu niveo bando
Nelle croada vem de Lesbias rozas.

Amathontias campinas deleitosas,
Verdes, Ciprios vergeis abandonando,
Vem do Mondego as margens demandando
Venus, as graças como nunca airosas.

Que prodigio, ó mortaes, tão protentoso!
A's Graças Lesbia diz, em voz divina,
Dos labios derramando ouro lustroso.

„ Beijai, Ninfas gentis, manda Ericina,
Cappellas, que teci com tanto gozo,
Ellas a fronte croarão d'Alcina. „

SONETO XVI.

COmo, Deos cego, tuas leis austeras
Mais, que mortaes alguns tenho cumprido,
Bem he que o teu poder grande, e subido
Ajude meu amor com todas véras.

Hoje concedão tuas leis severas,
Que Alcina aos rogos meus dê terno ouvido,
Que o nome d'infiel, de fementido,
A mim nunca me dem vindouras eras.

Que junto em conjugal toro amoroso,
O teu sereno Ceo co'Alcina bella
Goze mil vezes teu vassallo ancioso.

Depois quando apagar-se a nossa estrella,
No Elisio passe n'hum perpetuo gozo
Ella em meus braços, eu nos braços della.

SONETO XVII.

DEsposa Orfeo Euridice formosa,
Por sapiente Lei do Ceo Sobrano,
Breves tempos porém o Ceo tyranno
Viva lhe conservou a amada esposa.

Huma nuve infernal, nuve horrorosa
No barathro a sumio de Pluto insano;
Lá chora a perda do amante humano,
Lá curte horrores d'huma ausencia irosa.

Os atrios infernaes cordas ferindo,
Centrara Orfeo por entre a noite escura,
Buscando a esposa por quem vai carpindo.

Volve os olhos atraz . . . foi-se a figura . . .
Lilia assim te esqueceste, objecto lindo,
(D'olhos por hum volver) desta alma pura.

SONETO XVIII.

EMbora pinte o máo com bellas côres,
E atractivo pincel o vicio imundo;
Porção sempre será do averno fundo,
Porção sempre será dos seus horrores.

Soffre dos Céos, da terra os desfavores
O mortal, que se entrega ao mal profundo;
Nada lhe apraz, e nada lhe he jucundo,
Não tem bondade a terra, os Ceos favores.

Outro norte seguindo a sá virtude,
Calcando os terreos gostos impotentes,
Agrada sabios, allicia o rude.

Satán com raiva de seus dons fulgentes,
D'hiantes fauces o rancor sacude,
„ Torce os olhos, a boca, e range os dentes, „

SONETO XIX.

SE a minha negra, pavorosa estrella
Com seu braço clarão me demonstrasse
Huma gruta callada, em que habitasse
Do pálido terror parca amarella.

Se huma gruta me désse em que por ella,
No cume nem o Sol já mais passasse,
E em que a noite medonha só vagasse
N'horrido coche de fatal procella.

Se huma gruta me desse, emque o profundo,
O silencio reinasse sempre mudo,
Que prazer para mim lédo, e jucundo!

Embora os Ceos, o fado, a terra, tudo
Fusilassem; da gruta lá no fundo
Eu zombaria do poder seu rudo.

SONETO XX.

Por mais, que suba ao cume do penedo,
Não diviso infeliz minha cabana,
Nem minha vista alcança, ou s'ella engana,
A fonte que cahia d'hum rochedo.

Não diviso infeliz, se quer a mêdo,
Do velho Anfrizo a rustica choupana,
Nem vejo pelo prado essa tyranna,
Que amor me prometteo com rosto ledo.

Não vejo os Horisontes, negra sorte!
Da minha pobre aldea sem cultura,
Não vejo do prazer o brilho, o norte.

Ouço Mochos carpir... que noite escura!
Vejo o inferno d'hum lado, e d'outro a morte,
No hirto punho com a fouce dura.

SONETO XXI.

BElla Alcina, sonhei, que os meus estudos
O cubiçado fim já tinhão dado;
Que para allivio dar-me hum terno fado
Me entregava a meus pais de gosto mudos.

Sonhei, que lá por urços seis membrudos,
N'hum fulgurante carro era tirado,
Que n'hum Solio, do Sol mesmo invejado,
Altas leis promulgava ao sabio, aos rudos.

Tambem sonhei, que o Sol dadôr do gosto
Sem noite dias ávido me dava,
Por mim deixando de Anfitríte o encosto.

Acordei... mas que vi do que gosava?...
Oh! assim foi melhor val mais teu rosto,
Que os fantasticos bens, que então sonhava.

SONETO XXII.

Tenhas embora, ó pálido avarento,
Mil burras d'ouro, d'ouro carregadas;
Tenhas nos campos teus longas manadas,
Que apascentem Pastores cento, a cento.

Tenhas cubellos, que combata o vento
Com loucos repellões, furias baldadas;
Tenhas no immenso mar mil náos armadas,
Que te busquem metal, de que és sedento.

Por mais, que o braço teu conseguir trate,
A magra morte tornará mirrados
Esses teus ossos no final embate.

Mas tu, Josino, valles mais: teus brados
O monstro acurvarão por seres Vate.
Não tremes do poder dos ferreos fados.

SONETO XXIII.

NO sombrío painel da noite escura
Fiel te debuxei, Sendalia bella,
Pintei-te as faces, que minha alma anhella,
Com succo de jasmins, de roza pura.

Teus olhos divinaes em que fulgura
O magico explendor da Cipria estrella,
Quiz tambem debuxar mas oh! que a téllа,
Indigna se julgou de tal pintura.

Teus labios virginaes dos Ceos retrato,
Da papoula pintei co'as rubras côres,
Teus dentes, tuas mãos pintei sensato.

Quiz teu peito pintar... porém, ó dores!
Nem tintas incontrei, nem pincel grato,
Proprio ao desenho desse horror d'horrores.

SONETO XXIV.

SE a dos mares do Deos tufões sanhados
Ternas succedem virações macias,
Se a noite horrenda, e se aos horrendos dias,
Noites succedem dias asulados.

Se dos bravos canhões os longos brados
Ao som se amornão d'aureas alegrias,
Se nem sempre, ó pavor, nos arripias,
Com os suores teus no horror gerados.

Se as crespas furias do nevoso Inverno
Sopêa a quadra dos gostosos fructos,
Se tudo altera divinal governo;

Inda a minha existencia em vez de lutos,
De risos hade ser; inda hum Deos terno,
Hade ás furias roubar-me, aos fados brutos.

SONETO XXV.

A' FUNDAÇÃO DE CONSTANTINOPOLA.

CRispo, e Fausta infeliz succumbe á morte
Por teu decreto, Constantino iroso;
Roma d'affrontas mil teu nome odioso
(De Nero ao nome igual) carrega forte.

Bizancio ao longe te prepara á sorte
Honrosas torres d'hum futuro honroso,
Teu braço vencedor levanta astroso
Nas bases de Bizancio augusta Corte.

Roma invejosa, desmaiada treme,
Ao crebro rutilar da nova Roma,
Olha nella a rival de augusto leme.

O nome ao Fundador Bizancio toma,
Noitece a Roma o resplendor extreme,
Nella a religião d'hum Deos assoma.

SONÊTO XXVI.

AO PENEDO DA SAUDADE, QUE FICA SITO NOS ARRABALDES DE COIMBRA, E QUE OFFERECE HUMA TAL VISTA, QUE BEM LHE QUADRA O NOME.

INfeliz coração, desprende o luto,
Que há largos tempos sem ter dó te esmaga;
O dia, a tocha lá no Occaso apaga,
Da noite o coche já rodar escuto.

Teu pranto desafia o socio astuto
Da mãi das trévas, que o teu mal affaga;
Turvo o Mondego susurrante alaga
Enxutas Çarças, este prado enxuto.

Em valles, em outeiros tens defronte
Pavoroso olival, que mette mêdo
Ao mesmo feio inanimado monte.

Chora pois, coração, teu fado asedo:
Ouve-te ao longe hum lugubre horisonte,
Ao perto da saudade o grão Penedo.

SONETO XXVII.

Vamos querido bem, formosa Alcina,
Nossas juras cumprir feitas á tanto;
Quem teme o braço do alto Numen Santo,
Aos votos que produz a fronte inclina.

Aquella Carça, que o verdor faz dina,
He do nosso prazer, do nosso encanto;
Vai-se o Sol, vem da noite o escuro manto,
Vamos, querido bem, formosa Alcina.

Nenhum, nenhum Pastor da nossa Aldêa
A noticia terá destes amores,
Pois d'amantes he mãi a noite fêa.

Jupiter, se o souber, não muda as côres;
Pois dous ternos mortaes, que amor enlêa,
Nunca accenderão seus fataes rigores.

SONETO XXVIII.

Aquelle, que tu vês, palacio erguido,
D'altos, largos portões de mármor feito,
Não he de Fananôr, que a ti sugeito
Vive desde o momento, em que ha nascido.

Rebanho aquelle em numero crescido,
Que s'encurralla neste campo estreito,
Não pertence ao pastor, que satisfeito,
Por ti beja os grilhões do Deos de Gnido.

Mas este agreste colmo campesino,
E mais cabrinhas seis, he quanto a sorte
Inda hontem me outorgou, se bem combino.

Ah! se tu segues da virtude o norte,
Zomba d'aerios bens, ouve o destino,
„ Una amor Celio, e Nise em laço forte. „

SONETO XXIX.

DEbalde intentas, pensamento insano,
Sobranceiras da sorte ao firmamento,
Erguer torres d'hum grão contentamento,
D'hum prazer, que faz rosto ao tempo ufano.

Derão Fados risonhos ao Sob'rano,
Esses astres, que anhellas tão sedento;
Derão-te elles porém férreo tormento
Debalde intentas, pensamento insano.

Sombrías solidões, ermos trevosos,
Eis a sorte sem par, que a magra sorte
Concede aos dias teus, dias chorosos.

Só tu, ó sepultura, irmã da morte,
Asylas os meus ais, aos Ceos odiosos,
Ah! tu és meu prazer, meu gosto, e norte.

SONETO XXX.

Os Ceos, se os mesmos são, vejo encobertos
De negrume infernal, bulções pezados;
Entorno ao mundo os montes empinados
De terrenho nevoeiro estão cubertos.

D'annosa Torre compassados, certos
Saudoso Bronze lá m'envia brados;
Guinchão, e guinchão destes quatro lados
Cinzentos Mochos ao sepulchro offertos.

De quando em quando ao longe sem conforto
Vejo tenue clarão: no val profundo
Reina o silencio d'atra noite aborto.

Trévas! ó trévas! que prazer jucundo!
Parece, ou que no mundo tudo he morto,
Ou que este já não he o mesmo mundo.

SONETO XXXI.

NÃo recebeste dos potentes Numes
Imperfeita feição no lacteo rosto,
Meigos olhos porém, que accendem gosto
No peito que da dôr supporta os gumes.

Soltão mil frexas rábidos ciumes
Da boca tua, que he d'amor encosto;
Della os perfumes ao pomposo Agosto,
Deslumbrão vezes mil gentis perfumes.

Porém que férreo, coração tyranno,
Alardêas de ter os Ceos suplantas,
Trocando em bronzeo peito, hũ peito humano

Os Ceos não gostão de cruezas tantas,
Elles odeão o mortal, que ufano
Faz rosto ás leis d'amor, do Ceo leis santas.

SONETO XXXII.

FARMACEUTRIO.

A Ponta a horrenda noite no horisonte,
(Louvor aos altos Ceos, aos Ceos nublados!)
Vou fazer passear meus roucos brados,
Pelos sinuosos oucos deste monte.

Naquella furna, que ali está defronte,
Manes reposão para mim sagrados;
Girarei vezes tres pelos seus lados,
A mão esquerda metterei na fonte.

Ao Corvo esquerdo, que adevinha o damno,
Os miollos tirei naquella mata;
Frigi-os ao depois c'hum sopro ufano.

Treme ingrata sem par, Fanor ingrata,
De quem sciencia estudou do Mago Illano,
„Sciencia ao mundo horrenda, ás Furias grata.„

SONETO XXXIII.

EM quanto os homens com prazer, e gosto
Gosão os dias, que lhes dera Jove,
Eu a quem o prazer jámais commove,
Dê que o peito he pregão, sinal o rosto.

Desejo, que a tristeza, o horror, desgosto,
Cujo fel, cuja dor sobre mim chove,
A' parca dando a mão, que o inferno move,
Me dê na sepultura o amigo encosto:

Anhello, que ao depois da minha morte,
Sobre a lagem despida, a lagem fria,
Triste letreiro indique a minha sorte:

„ Aqui jaz hum Pastor: Filinta impía
„ Foi, foi quem lhe apagou da vida o norte:
„ Tremei della, ó mortaes, inda algum dia. „

SONETO XXXIV.

SE foi do teu sabor, Numen da Esfera,
Que huma sorte infeliz me acompanhasse,
Para que permittiste, que eu tomasse
Hum tão distincto ser, do ser que eu era.

Não sabendo existir não se me dera,
Que teu braço pra'mim mil bens creasse;
Que o férreo dissabor me circundasse
Não receara, ó Ceos... ah! não temera;

Mas já que m'entregaste ás mãos da sorte,
D'huma sorte infernal, proterva, e dura,
Hoje o teu braço hum misero conforte.

Ouve os magoados ais desta creatura,
Revoga a tua lei, sim dá-lhe a morte,
„ A morte para os tristes he ventura.„

SONETO XXXV.

FARMACEUTRIO.

QUe meiga prospectiva! a noite escura
(Bradava Oliva) surge horrenda e fêa:
Eu solto, Hecáte, a referente vêa
Ao som das Rellas da cacimba impura.

Este osso, que arranquei da Sepultura
D'Umbro famoso torna em ferro a arêa;
Este anel, que me deu velha serêa,
Enfanos, cancros, outros morbos cura:

Tenho huma agulha feita de seis dentes
De seis bravos Dragões, adoça os mares,
As recifozas costas inclementes,

Illêo de mais a mais sou Maga, os ares
Ao tetro bafo meu se tornão quentes,
Ceos, terra, aballarei se me adorares.

SONETO XXXVI.

BEm raras vezes, ó mortal sagrado,
Aos meritos se caza o cargo honroso;
Este, que os tem, não tem da honra o goso,
Aquelle, que os não tem, tem tudo ao lado.

Mas se justa eleição recahe no honrado,
No digno Cidadão, que fado astroso!
O presente, o futuro então vaidoso
No eleito ama o eleitor com todo o agrado.

Feliz tu, que em ti tens merecimentos:
Cargos, que occupas bem fiel mereces,
Mereces mais eternos monumentos:

O presente respeita acções, que teces;
Tempos vindouros, já por ti sedentos,
Os feitos louvarão, que ao mundo offreces.

SONETO XXXVII.

QUe imagens tão crueis! o Sol cuberto
De turbidos bulcões no cahos gerados!
Ah! Nicelio feliz, d'hum Deos os brados
Roubarão-te de nós . . . que Fado certo!

Hontem meu coração de susto aberto,
Certo augurava teus medonhos Fados,
Ladeou-me de noite ambos os lados
Fantasma de pavor d'horror liberto.

Sim, ó campa feliz, em ti s'empenha
O seu corpo a pagar dias devidos,
Lei que em todos mortaes se desempenha:

Oh! amigo fiel . . . não são ouvidos
E'cos do meu penar . . . rumina a penha
Os meus mádidos ais, os meus gemidos.

SONETO XXXVIII.

Quando ao casto prazer, aos bens só dado,
Te vejo entregue com sincera amada,
Não tem comparação meu Fado em nada,
A' dita que te deo o amigo Fado.

Quando te olho, Ceillard inconsolado,
Na tua esquerda mão face encostada,
A' tua, a minha dita assemelhada
Vejo em tudo, ai de mim! por qualquer lado.

Provaste amor, mas foste desditoso;
Eu sempre, qual rochedo, os desfavores
Tenho soffrido do Vendado iroso;

Mas se a morte te fez zombar d'amores,
Algum dia virá, que eu venturoso
Amor te affrontarei, teus passadores.

SONETO XXXIX.

LA' vai cruzando os mares empollados
Meu cruel amador, cruel Troiano;
(Elissa, a triste Elissa ao vento insano
Estes soltava lastimosos brados.)

Com elle reparti dos meus agrados
No meu pomposo leito Soberano;
Foi-me ingrato, o traidor foi-me inhumano;
Lá vai cruzando os mares empollados.

Ah! praza aos Ceos, que o Principe dos ventos
Te desarvore as Náos, que o Rei dos mares
Te dê campa nos mares truculentos.

Lança mil ais, cruel, aos surdos ares . . .
Que Dido em sombra (ó magicos proteutos!)
Irá comtigo aos mais remotos lares.

SONETO XL.

DEsde, que os malles, que enegrecem terra,
Da terrivel Pandora rebentarão,
Tristezas com prazeres se abraçarão,
Gosto, e desgosto nos mortaes s'encerra:

Só eu, com aquelles em contínua guerra,
Passo os dias, que as Furias bafejarão;
Não sei para que os Fados me traçarão
D'agros damnos a serie, que me atterra.

Ah! se foi para ver cá neste mundo,
Para nelle curtir os férreos damnos,
Com que espera os mortaes o abysmo fundo,

Os Fados fazem mal; meus curtos annos
Antes querem do abysmo o mal profundo,
De que tristes viver entre os humanos.

SONETO XLI.

EM soberbo Galeão talhando os mares,
Soltas as vélas, solto o branco panno,
O' Circe, o amante teu sempre tyranno
Dos teus olhos fúgio, sem lhe lembrares.

Já vê medonhos, nuveados ares
Diversos d'ares teus; mas sempre ufano:
Eóllo lhe reparte soberano
Nervosos ventos dos seus fundos lares.

Os crespos rogos, que enviaste a mêdo
Aos ouvidos do Ceo, não se burlarão;
Forão cumpridos, ó cruel, bem cêdo.

Com o Grego infeliz ondas lutarão;
O' Maga, o seu Baixel neste rochedo
„ Batendo, as fracas vélas, se quebrarão. „

SONETO XLII.

A Meus olhos, que tumulo dourado
Sobre aureos pedestaes alli se offrece?
Que tosca lagem sobre a terra vê-se,
Cheia d'estragos de Saturno airado?

Aquelle occulta no seu bojo honrado
Titlos, grandezas, que a arrogancia tece:
Esta encerra porém, se bem parece,
Baixeza, pequenez do nada o estado.

Aquelle s'ergue á voz da pompa humana,
A esta a precisão cimenta as bases,
E não teus braços, arrogancia insana.

Grande, ó Grande attenção; olha o que fazes:
Sôa a trombeta... acorda... não te engana...
A presença de Deos, d'hum Deos, que trazes?

SONETO XLIII.

Eis o templo d'Amor: Amor se assenta
N'hum rubro throno; nos degráos sangrentos
Sobre mil corações, já sem alentos,
Seu tyranno poder de bronze ostenta.

Magro ciume rábido atormenta
Vivas entranhas com fataes tormentos;
A suspeita infernal, surda a lamentos,
Mallés, e mallés mais crueis inventa.

De sangue ríos mil cortão o Templo,
São mais os ais, são mais gemidos, brados,
Que as áreas do mar, do Ceo que estrellas.

Oh! feliz, Innocencia, eu te contemplo:
Misero amante, vê aqui teus fados;
Eis o Templo d'amor, do Deos, que anhellas.

SONETO XLIV.

LA' ouço ao longe, e não m'engana a mente,
Hórridas vozes d'hórridos tambores;
(Fallava Castro assim, murchas as flores
Das niveas faces, Ceo d'amor fulgente.)

Talvez Affonso, o Rei da Lusa gente,
Já saiba dos meus tacitos amores;
Talvez, ah! não m'engano; eis os traidores...
O' Ceo tem dó de mim... sou innocente...

Ah! lá vejo a cruel, a morte dura
Erguer o ferro deste esquerdo lado...
Em breve serei Mane, e sombra escura:

Vinga-me hum dia, ó Principe adorado,
Que vás comigo, e vão á sepultura
„ Amor, a mágoa, desprazer, cuidado. „

SONETO XLIV.

PROPHETICO.

HE esta (ah! não m'illudo) a sepultura,
Em que descanção de Felinto * os ossos;
Sorte, invejosa dos triunfos nossos,
Lusos, ó Lusos, deo-lhe a noite escura.

Misero! inda na idade não madura,
O' Patria, ella o roubou dos braços vossos;
No sena arreio mais profundos fossos
Fatal desgraça lhe cavava dura.

Mas chegou finalmente, ó sabio, ó Vate,
O momento feliz, em que te esquives
Dos bronzeos fados ao cruel combate;

Morreste... azul fortuna! hoje revives:
Tens dous sêres, que o tempo não abate;
Vives na tradição, no Elisio vives.

* Francisco Manoel.

SONETO XLV.

TRiste Ulissea, já na campa fria
O teu Elmaho * jáz, que foi n'outrora
Do teu grande fulgor robusta escóra,
Teu prazer, teu amor, tua alegria.

Negras véstes, e véstes d'agonía
Cubrão os templos teus, que hũ Deos hamora;
Da torva morte a fouce cortadora
Cerre os teus olhos ao brilhante dia.

Nuvens pejadas de pavor medonho
Denigrão os teus Ceos, nem Sol nem Lua
Sejão patentes a teu mal tristonho.

Terremoto fatal te torne nûa:
Sejão teus gostos hum fantasma, hum sonho:
Bocage he nada, ao nada tu recua.

* Manoel Maria de Barboza du Bocage.

SONETO XLVI.

NÃo quero que a fortuna enganadora
Me hadêe de bens d'alta valía;
Pois bem conheço que vir póde hum dia,
Em que me roube os bens com mão traidora.

Não desejo, que a sorte aduladora
Me eleve ao throno d'alta monarchia;
Pois que a Historia dos tempos m'annuncia,
Que nem, ó Sólio, tens robusta escóra.

Só quero, que me dês, ó Ceo tyranno,
Trovoza furna, em que se alvergue o susto;
Que assim me deixarás, ó Fado insano.

Porém não . . . he melhor, que o braço injusto
Da negra morte me despenhe ufano,
Lá onde, ó morte, tens o throno augusto.

SONETO XLVII.

Forte cousa, Marilia, não cederes
A's meigas petições, que te hei já feito:
Cerras as portas a teu doce peito;
Dar-me alguma attenção tu sem quereres:

O bruto, os mesmos insensiveis sêres
Provão d'amor o saboroso effeito;
Une-se o veado á corça em laço estreito,
Sabe d'eterno amor guardar devêres.

Ah! Marilia innocente, os teus rigores
S'extingão d'huma vez, he peito rude
O peito, que d'amor foge aos ardores.

Minha razão, Marilia, não te illude;
Pódes sem mêdo disfrutar amores,
„ Amor crime não he, mas sim virtude. „

SONETO XLVIII.

Por tão alto sabêr, Principe amado,
Com que alardêas na Potencia Lusa,
Se acaso não m'engana a sábia Musa,
O Ceo com este te aventura Fado.

„ O teu throno será sempre ladeado
Da justiça, do amor; farás confusa
Gloria dos outros Reis, a gloria illusa,
Que o mundo acclama com pasmoso brado.

Não provarás a morte; aureas capellas
D'existencia immortal, d'eterna gloria,
As tuas c'roaráõ virtudes bellas.

Terás no mundo perennal memoria:
Brilharás qual o Sol entre as Estrellas,
„ Heróe entre os Heróes na Lusa Historia. „

SONETO XLIX.

EM quanto o Sena, ó Povos Lusitanos,
Em verde-negro sangue borbulhava,
E a desgraça infernal lhe apresentava,
Horridas scenas d'amargosos damnos;

Dos Numes (para vós nada tyrannos)
A dextra divinal vos resguardava,
Deslizando-se a paz do Ceo, que amava,
Vos dava bens, aos vossos Soberanos.

Eia pois, Portugal, em nuvens d'ouro
Immortaes hymnos mil a Divindade
Manda, que assombres seculo vindouro:

Louva o Principe teu em toda a idade,
Crava-lhe o nome augusto em letras d'ouro,
„ Nos brilhantes padrões da Eternidade. „

SONETO L.

Celia, Celia, meu bem, despreza embora
Hum terno coração, que te assegura
Guardar a teu amor a fé mais pura,
Que n'hum insonte amor sómente escóra;

Despreza embora, ó barbara Pastora,
Com torvo aspecto ingratidão impura,
Minha manada, que naquella altura
Come as hervinhas, que aviventa Flora.

Tu não ames, Pastora, a quem te acclama
Pastora principal deste montado,
E a quem ternos por ti mil ais derrama;

Que inda assim tu verás, objeto amado,
Qual o insecto veloz, que morre á chamma,
„ Morrerei nos teus olhos abrazado. „

SONETO LI.

QUe val, que eu veja no ceruleo prado
D'alvas estrellas o rebanho immenso?
Que neste campo aljofarado extenso
Veja flores gentis de lado a lado?

Que val, que o Numen do tridente armado
Terrivel contra mim não veja infenso?
E que o Inverno enrolado em manto denso
Colmo e searas não me arrase irado?

Que val, que a negra, atterradora, peste
Com verde-negra boca truculenta
Ar, que respiro, não cruel infeste?

Que val isso? se nada me contenta:
Se o braço, que troveja a mão celeste,
Analia aos braços meus roubar intenta.

SONETO LII.

Debruçado dos Ceos Satôr Potente
Mandou, que o sêr me concedesse o nada:
Eis logo avisto a luz auri-rosada,
Que espraia lá nos Ceos o Sol ardente.

Desde então, meiga Celia, a ti sómente
Consagrei-te o meu sêr, sem ti que he nada; *
Tambem te consagrei minha manada,
Minha cabana, dos meus Pais presente;

Mas tu, crûel Pastora, hum rosto odioso
Ostentas-me á paixão, tudo perece
Quanto te offerece teu vassallo ancioso:

Ah! se a minha paixão te não parece
Ser digna d'algum ai, Cilio he ditoso;
Pois quem te mereceo, tudo merece.

* V. Cam. nos Son. XIII. LXXXXVIII. CXVII. CLXI. CLXXXVI. CLXXXVII.

SONETO LIII.

GRaças aos Deoses, que encontrei na terra
Em tudo sem senão, gentil creatura;
Graças aos Deoses, que á tristeza dura
Os troféos já ganhei, com que me aterra.

Ritalia, o rosto teu, de mim desterra
Hórridas nuvens de procella escura:
Foi o mesmo, que ver-te a formosura,
Gostos provar, que o Ceo d'amor encerra.

Ah! logo te jurei, Ritalia, ó bella,
Idolatrar-te sempre, e sempre; e viste
Nestes olhos (já teus) a fé singela.

Não tremas, mago bem; o sêr consiste
Em d'hum licito amor seguir a estrella;
Que a vida sem amor, se he vida, he triste.

SONETO LIV.

Basta, Ceo vingador, basta, pôr termo
A' truculenta lei de meu tormento;
Já saciado estará teu braço cruento
Em tormentar meu coração enfermo.

De mal em mal, Ceo vingador, enfermo,
Desque me mostra o Sol seu nascimento;
Calco sombras em vez de pavimento;
Ermo o Ceo me parece, a terra ermo.

Quando fulgura o Sol, debalde intenta
A minha alma esquivar-se á desventura,
Só com tristes pacigos se contenta.

Nas horas de Icelôn, na noite escura,
Negra imaginação me representa
D'horridos vultos sepulchral figura.

SONETO LV.

QUe asylo tão propicio aos desditosos!
Huma d'hum lado solitaria fonte,
Hum calvo d'outro lado, immenso monte,
Em que se asylão mil dragões raivosos.

Rochedos, e rochedos cavernosos
Hum formão feio, tetrico Horisonte;
Piáo aves, imigas de Flegonte,
Nestes medonhos ermos horrorosos,

Funereos teixos, sobre quem pranteão
Aves de luto, de fataes clamores,
Que socios deste horror o horror affeão.

Oh! eis a estancia propria ás minhas dores:
Viv'rei c'os vultos, que por'qui vagueão,
D'horrores vivirei nestes horrores.

SONETO LVI.

Mil e mil vezes tua carta leio,
E mil bêjos lhe dou com a boca anciosa;
Ave desejo ser, que vá gostosa
Esse teu claustro ver medonho, e feio.

Sim ausente de ti tremo, e receio,
Que o teu peito me roube a sorte irosa;
Cubro de pragas minha estrella odiosa,
Por não me unir comtigo em doce enleio.

Meu firme coração sómente estuda,
Em como hade gozar dos teus agrados,
Teus thesouros gozar, que o claustro escuda:

Ah! e se tu não crês nestes meus brados,
Querendo antes, meu bem, linguagem muda,
Digão-te os olhos meus os meus cuidados.

SONETO LVII.

AO INFELIZ LUIZ XVI.

Dignissimo Orador, * baldada empreza!
Póvos infrenes já na Praça exultão;
E nos gritos, que os mesmos Ceos insultão
Querem juncar d'horror a redondeza.

Accesos batalhões á Regia preza
Do grato Febo o resplendor occultão;
Contra a Esposa, e o Delfim, crueis sepultão
Teus sentimentos são, ó natureza.

Lá corre o sangue Regio, as praças rega;
Folga, ó França, já tens a liberdade,
Porque preço porém? por hum Reicidio.

Volta os ferros aos Ceos, que a terra nega
Já campo ao teu furor, tua maldade,
Faze tudo, ó cruel, faze hum Deicidio.

* Todos sabem, que o digno Laly Tolendal tres veres pertendeo, perante a Convenção, a defesa deste desditoso, e desventurado Rei.

SONETO LVIII.

Amor me prometteste, ó Lilia astuta,
Junto a teu proprio lar, que daqui vejo,
Para mais saciares meu desejo,
Tomaste em testemunha aquella gruta.

Essa, que o mundo, que altos Coos enluta,
Cubrira noites seis sómente o Téjo;
Tu já tinhas quebrado neste ensejo
A promessa d'amor, que inda s'escuta.

Voltaste o teu amor, o teu semblante,
A Ridelio gentil, que em bens abunda,
Sê-lhe, ó Lilia cruel, sê-lhe constante;

Outra Lilia tambem minha alma afunda
No pégo do prazer; por esta amante
Minha alma goza os bens da paz jucunda.

SONETO LIX.

Tenha embora o Monarcha em sólio d'ouro
Mil invejados bens dos mais sob'ranos;
Longe das regiões d'azedos damnos
Vida disfrute, divinal thesouro.

Abra-se contra mim o sorvedouro,
Em que encerrão a dôr Fados tyrannos:
Sejão os dias meus cumpridos annos,
Marcados pela voz d'infausto agouro;

Cerque-me embora a sorte viperina
De novos, torvos males, bando hervado,
O mar me seja, o Ceo, terra ferina.

Sobranceiro inda sou ao crespo fado;
Como me adoras, virginal Francina,
Da horrenda morte não me atterra o brado.

SONETO LX.

Depois d'azedos, infernaes ciumes,
Lilia, Lilia, o meu bem, junto á cabana,
Que o justo Ceo lhe deo com mão sobrana,
Prometteo-me adoçar meus azedumes:

„ Ah! não, ella me disse, apraz aos Numes
Que eu seja contra ti já tão tyranna;
Pois recebi dos Ceos huma alma lhana,
Capaz de te exaltar da gloria aos cumes.

A'manhã, tu verás, hirei avante
Da minha gratidão, por taça pura
Meu nectar provarás Pastor constante: „

Oh! que ainda o não creio, o Ceo me augura,
Que feliz não serei, pois sou amante;
„ Onde sobeja amor, falta a ventura. „

SONETO LXI.

Passarão lustros tres, e mais tres annos,
Que á Estancia dos mortaes volvi do nada;
Mas bem que inda não seja adiantada
Minha idade, soffrido hei já mil damnos:

Além dos torvos mares deshumanos
Recebi dos meus Pais a vida hervada,
E contando annos seis, á Patria amada
Arrancarão-me os Pais com vis enganos:

Desde então me arrepella a voz maldita,
Da desgraça lethal o braço forte,
E sobre os tectos meus o Mocho grita;

E se não m'enganei nos Ceos . . . ó sorte!
Esta sentença li, com sangue escrita,
„ Em breve lutarás com a torva morte. „

SONETO LXII.

HE certo que eu não tenho, ó Lilia bella,
Aureas alfaias d'immortal valía,
Nem que ao sólio d'augusta monarchia
Por influxo subi da minha estrella:

Sei bem, que huma choupana he, que disvella
Os meus membros d'horror da noite fria,
Que hum forrado albernoz de noite e dia
Me guarda o corpo da estação, que géla.

Não te avermelhes pois, de os Ceos sagrados
(A'voz não surdos do mortal que os chama)
Os teus me darem virginaes agrados:

Não sou Creso, porém meu peito inflamma
Acceso amor aos Ceos, ao Rei dos fados,
„ Isto digno me faz d'amar-te, ó Dama. „

SONETO LXIII.

Basta, ingrata Marcina, basta ó dura,
De mais me atormentar com teus enganos:
Em mim d'amor signaes, por longos annos,
Tens em mim percebido huma alma pura.

Não deves pois, ó barbara, ó perjura,
Lançar aos olhos meus olhos tyrannos;
Nem menos franquear teus dons sobranos
A hidropica avidez dessa alma impura.

A's firmes próvas de hum amante eleito,
D'huma constancia que nos Ceos escora,
Deves embrandecer teu ferreo peito.

Se a milhões de mortaes a sorte adora,
Poucos são os mortaes, que sem defeito
Cumprão d'amor a lei, que o Ceo namora.

SONETO LXIV.

EM DIALOGO.

Pastora.

TErno, meigo Pastor, meu peito ancêa
A'quatro lustros, esta fresca fonte,
Que deste Olmeiro quasi está defronte,
Outrora me alegrava, hoje me odêa:

A minha, tambem tua, inculta aldêa
De festões de prazer cobrio-me a fronte:
Hoje a tróco porém por qualquer monte:
Terno, meigo Pastor, meu peito ancêa.

Pastor.

Ah! Pastora, Pastora, acaso ignoras
Dessas mudanças o principio claro,
A doce origem desse bem que choras?

Oh! que o sagrado amor . . . teu peito aváro . . .
Porém que observo? tu, Pastora, córas?

Pastora.

Sim, porque a causa és tu d'hum bem tão cáro.

SONETO LXV.

Basta, monstro cruel, cruel saudade,
Viperea producção do horrendo averno;
Ou teu supplicio ser costuma eterno,
Ou não eterno, e tem mais crueldade.

Se aposta fim com o fim da eternidade,
Seja o castigo mais suave, e terno:
Mas se tem fim tão carrancudo inverno,
Basta, monstro cruel, cruel saudade.

Ha meio lustro, que me esmaga o peso
Das agras leis, que tu promulgas dura,
O' do neto da espuma inferno acceso.

Oh! se não mudas, dá-me a sepultura:
Vida com dôr he digna de desprezo,
A morte, quando ha dôr, tem mais doçura.

ODE

FEITA AO MONDEGO NA CHEIA DE 1804.

Prudens futuri temporis exitum
Caliginosa nocte premit Deus.
Hor. L. 3. Od. 29.

NEvoa espessa embaçâ os Horisontes,
Ao seio immenso do Oceano o Plaustro
Os briosos Ethontes refumando
Feros conduzem, levão.

Ferreas cadêas nas Eóleas furnas
Raivosos rompem furacões terriveis:
Idoso torreão resiste apenas
Aos sopradores ventos.

Abre o Vesuvio as sorvedoras fauces,
Ruivos coriscos rábidos estalão:
Com os longos dos trovões échos, que roncão,
Tremem de mêdo os Pólos.

Túmido rompe as concavas cavernas
D'alta serra da neve, d'alta Estrella,
O soberbo Mondego tão possante,
Qual nunca o vírão Evos.

Os largos campos, que temêra humilde,
Bem qual conquistador soberbo estraga;
Faias robustas iracundo arranca,
Molles salgueiros priscos.

Covardes troncos desdenhoso engeita,
Profundo valle não lhe basta á furia;
D'immenso monte o levantado cume
Curvar bramindo anhela.

Trepando as costas de empinadas serras,
Annosos troncos com rancor arrasta:
A torta cêpa sitibundo arranca
Da madre entranha, terra.

Com medonho estampido arraza iroso
Tosca choupana, rustica palhoça;
Os pastores os lares desamparão
De arripiadores mêdos.

Balando o gado, aqui e alli disperso,
Divaga a mêdo dos horrendos brados
Do trovão bramador, que dos rochedos
Nas covas féro estala.

Airado brame na remota penha,
Arroja as aguas com furor terrivel;
De Coimbra as margens espumante corre
O arrebatado Rio.

Junca d'estragos a Cidade sábia,
Seus altos torreões, cúpulas altas,
Pelos seus fundamentos abaladas,
Medrosas, frias tremem.

Com ombate soberbo choca, e abala
Da longa Ponte os circulares arcos;
E os largos hombros arrumando á mesma
Derroca os largos bordos.

De seus colonos accommette os lares;
Faz em pedaços mil a quanto encontra;
Da pobre gente aos horrorosos gritos
Se mostra surdo, irado.

Não quer vaidoso conhecer limites,
Fatal estrago á natureza intenta;
O cume quer vingar, o cume altivo
D'alta Coimbra antiga.

Como consentes, inclemente Jove,
Que as agoas rompão destinados diques?
E que o cume vingando das montanhas,
A terra; a terra alaguem?

Como consentes da promessa tua,
Que em total desabono se renove
O espantoso Diluvio, em que pereça
A tua raça humana?

Como consentes? . . oh! mortal, não sabes,
Porção pequena do Saber superno;
Em vão forcejas indagar soberbo
Insondaveis Decretos.

ODE

A HUM AMIGO DO AUTHOR.

Bene est cui Deus obtulit
Parca, quod satis est, manu.
Horat. Ode 16. L. 3.

DO Tempo a fouce poderosa, e curva,
Altivos torreões ſoberba rompe;
De bravos annos esquadrões sanhudos
Reinos affrontão.

Arcos, Medalhas, Capitólios grandes,
Que eternidade assoberbavão sempre,
Do nada no pavor comtigo, ó Roma,
Pállidos jazem.

O tronco idoso do Dodoneo bosque,
Das nuvens rompedor com a longa fronte,
Roto por terra muribundo geme,
Pávido morre.

Não vale a força do aguçado ferro
Do Rei do Mundo, Macedonio o Grande;
De Saturno o poder, terrivel sempre,
Túmido a esmaga.

Feitos consome, que em metal Corinthio,
Do Vencedor do Samori, rebrilhão,
Do Malaio terror, tremendo Luso,
Fouce Saturnia.

Só tu, nobre Varão, calcando a estrada
Da virtude immortal glori-spirante,
Do Tempo zombas, do poder Saturnio
Nitido foges.

Na pagina immortal d'alta Epopéa
Luz a virtude do Varão piedoso:
A virtude o mortal ás mãos das eras
Fúlgida arranca.

Feliz, Celio, feliz além da terra
Já teu nome contemplo, e entre as Estrellas
Nobre assento tomar; serás Luzeiro,
Astro luzente.

Ah! não com mais razão reluz Licurgo
De Grecia nos annaes, que tu luzíras:
O teu nome com o seu terá da Historia
Pagina mesma.

ODE

A CHRISTOVÃO COLOMBO.

. . . Rectius occupat
Nomen beati, qui Deorum
Muneribus sapienter uti.
Horat. L. 4. Od. 9.

DO sepulchro no horror, Vespucio, em balde
De ser descobridor de hum mundo ostentas:
Genova te roubou com seu Colombo
Reverberante gloria.

Tamisis, Sena, tu tambem, ó Téjo,
Que outrora déste leis ao Indo, ao Ganges,
Do Chefe aos rogos pareceste bronze,
E bronze a Patria delle.

Iberia então feliz, que hum Rei famoso
Com sceptro d'ouro lhe entornava flores;
Iberia então feliz o escuta absorta:
Vê nelle hum Numen meigo.

Ao ar desfraldão tres baixeis soberbos
As bandeiras reaes, cavados pannos:
Soou no vácuo d'entre Ceos, e terra,
Dos féros nautas grita.

Exulta Iberia de não viſtas terras,
De novos mares escutaste nóvas ;
D'huma Lucacia, Hespaniola, e Cuba
Sabes, Iberia exulta.

Em curtos tempos tu soberba viste
Em teus Cubellos refulgir a pompa ;
França, Britania, Portugal, d'inveja
Teu fado azul carpião.

Grecia, e tu mesmo, ó Roma, entre os fulgores
D'alta grandeza, que te orlava a fronte,
Rainha das Nações nas mortas Eras,
Descóras confundida.

Se dos soldados teus á testa armada
Ferozes capitães adagas regem,
De que a Historia he pregão, certeza os tempos,
Derrocadas muralhas.

De ferro corações, de ferro entranhas,
Alardeavão nos Gradivios campos :
O ferro manobrar, que val, se o sangue
Corre sem lei, sem regra?

Teu braço horrendo, que as Nações defuntas
Opprimindo atterrou com ferro e fogo,
He prova certa, que os Heroes, que alabas,
Erão de seixo, ou bronze.

O contrário, Colombo, esses Selvagens
A ti, aos outros vos suppunhão Deoses,

Deoses terriveis de trovões armados,
De reluctantes raios.

Vulcões, Vesuvios, vomitando flammas,
D'honrados capitães ao gosto, ao saibo,
Tuas Náos poderosas se antolhavão
A amedrontada gente.

Com prudencia, e saber, virtude honraste
Dos teus soldados, o valor dos hostes:
Da Fortuna dos Ceos rajadas roucas
Teu grande esp'rito amostrão.

Por mais, que a Inveja dardejando as cobras
Das seccas fauces, denegrir tentára
Teus méritos sem par, burlada imptesa!
Confundes mesmo a inveja.

Vezes quatro alrotaste, Iberio Gama,
Hórridas queixas, que a injustiça urdia:
Entre ferros porém gemeste ao mando
A'quinta vez d'hum Chefe.

Qual Luso General tambem provaste
Garras farpadas da mirrada fome;
Porém com traças triunfaste, ó Chefe,
D'agra penuria horrenda.

Eis luto arrasta a inconsolada Hespanha,
Que a famosa Isabel na campa existe;
Acha Fernando só, que premio houveste?
Não premios, mas promessas.

Assim morreste, impávido Almirante,
Qual o triste Camões, oppresso, aflicto;
Assim a Corte, a quem serviste, ingrata,
Deu-te premios tão duros.

Duque de Béja, Manoel famoso,
Successor de João, não foi tão crespo;
Bizarros Generaes do tempo delle
Da Eternidade o digão.

O D E

AO INVERNO.

BAtendo as turvas, as compridas azas,
Sobre o Universo, se equilibra o Inverno:
Da meiga, terna Cloris
O Floreo sceptro amarellece, e murcha:
O hirto velho, que zombou soberbo
Das aquilonias furias,
Aquece os membros, pela idade froxos,
A' roxa flamma da vivaz fogueira:
A virginea Pastora
Não ousa conduzir seu gado aos valles;
A secca palha nos curraes mastiga,
Da relva com lembranças:
Na rota lapa o aldeão sincero
Trépido escuta dos trovões o berro:
Estas altas montanhas,

Cobertas hontem de forragens verdes,
Hoje de neve são montanhas altas,
Victimas miserandas.
Nuvens estranhas pelo Ceo divagão,
A' voz minace do engelhado Inverno;
E nas Liparias ilhas
O coxo Numen mette lenha ás fragoas,
E aos negros Brontes fabricar ordena
Tortos, raivosos raios.
Nos esqueletos das despidas selvas
Só musgo, nada mais, dos braços delles,
Só pingas d'agua pendem.
Aves tristonhas, ensopadas buscão
Por aqui, por alli, piedosa cova;
D'este, d'aquelle ramo
A'aquelle ramo constrangidas pulão.
O immenso cume deste choupo immenso
Beija o chão, que calcava.
A léda limfa deste Rio inchado
He lôdo, os campos hoje inunda, os campos,
Que lhe forão barreiras.
O Sol tapado d'hum forrado manto,
De chuvigeras nuvens tenebrozas;
Hum não bem dia, ou noite
N'ametade do mundo horrenda pesa:
O Sabio indagador de ethereos globos,
Maneja, mas em balde,
Os instrumentos de assombroso engenho;
O atolado mortal nos vicios torpes
Descora á vista, aos échos
D' enxofradas settas, dos canhões ethereos:
No çujo canto de musgoso alvergue
Cria ferruje a enchada.

O mar, que ao bafo de Favonio doce
Era mar de jasmins, de leite, e rozas,
Bramido, outro bramido
Da fauce arranca soivedora, horrenda:
Combate affouto com roladas ondas
Madidos areaes:
Soffrem rajadas, empurrões, as rochas,
Altos recifes, que alrotarão Evos.
Soberbas, grandes, Argos
Vêm no immenso Oceano abysmo, e abysmo:
Entre nublados, condensados, rolos
Abafa-se Santelmo:
Assim, ó Numen, regedor das vagas,
Mostras as furias do teu ferreo sceptro!
Inda assim agastado
Dos Lusos pinhos, que a Esperança Boa
A's leis d'hum Gama transpozerão, punes
Meia porção do Globo?

Recobrão novas forças, novo alento,
Com teus lustrosos brilhos.

Teu veloz coche não palleia, ó Cinthio,
Torpes offertas da Deidade Lesbia;
Não consentes, que amores desenvoltos
A' tua face brinquem.

Sem tua, eterno Amom, potente dextra
Calado cáhos possuira ind'ora
Esse, que vemos Universo immenso,
Do teu poder indicio.

Sem teu braço potente não luzira
Essa rotunda Esfera, aos astros campo,
Abafada com as sombras, que sobre ella
Vomita a negra noite.

Não ousa o mesmo justiceiro Jove
Sobre o mundo lançar trisulcos raios,
Não ousa, não se attreve a castigallo,
Mal nelle brilhas, Febo.

Tu rompes condensados nevoeiros,
Que te pejão as portas do Orieute;
Negras Estriges, altos gritos dando,
Nos rochedos s'embrenhão.

Bates á porta do tugurio humilde
Ao cançado pastor, que jaz no feno;
Com teus ardentes, lhe anuncias, fachos,
Que já o mundo douras.

Tu que Ciclópes reduziste a nada
No grande feito d'Esculapio grande,
Tu que serpente derrotaste Pithon,
Do campo assoladora,

Guia teu Plaustro sobre a choça minha:
Não consintas, que a noite estenda o manto
Sobre os mundos brilhantes do meu Mundo,
Da minha Patria amada.

Eu da Constancia com o broquel forrado
Teus ritos defend'rei, sagrado Febo;
Dos teus preceitos amador sincero,
Sincero teu sectario:

De Delfos Templo, alcaçar de Tenedos,
Gemeráõ abafados com as offrendas:
Nuvens espessas do Dofario aroma
Cubriráõ teus altares.

ODE

AO SERMON F. J. C. M. S.

. . . . . e em vão respiras
Contra elle, ó voraz tempo, as tuas iras.
Diniz. Od. 34. Epod. 6.

D'Inchadas serpes enfeitada a Inveja
Arranque a confissão das negras fauces,
De quem fui, de quem sou, que antes negára;
D'Ulissea, Sarmento, a pompa, o lustre,

Meus versos esculpio em letras d'ouro
D'alta Memória no perenne alcaçar.
Elpino, Coridon, Camões, Bernardes,
Vossos louvores me serião gratos.
Elogios por vós me eternisarão,
Se elogios por vós me fossem feitos,
Se vivesse **comvosco ao mesmo tempo**;
Mas Sarmento, d'Apollo egregio alumno,
Vivendo em dias meus, a quem dá honra,
Me tira a sêde dos louvores vossos,
Quando do Rio adormecido arranca
Minha memoria, que os vindouros Evos
D'hum Numen julgarão, não d'hum terrestre.

Embora me remorda agora os versos
Mirrada inveja d'afiados dentes;
Embora sim, os dilatados tempos
O sorvedouro das memorias abrão:
A seu sabor a Liberdade embora
Com o ferro curvo me decepe a vida,
Que a seu despeito viverei pra sempre.

ODE

A' PAZ.

DE Jove ó digna, virginal, Deidade,
Irmã das Virgens, Terpsicore eterna,
Affina, e me encordôa a lyra inerte,
A meio lustro offerta.

Dentes citrinos do Gigante horrendo,
Que outrora ameaçou ponhoiros Losds,
Não me despertão juvenil meu plectro,
Adormecido á cunha.

Alçar aos orbes da rodante Esfera
Nomes eternos d'immortaes guerreiros,
Assumpto he do sem par sobrano Vate,
Lusitano Virgilio.

Os Pirenêos tornar planicie, varzeas,
Tornar almargens em campinas cultas,
Enche o meu paladar, ferindo a cith'ra,
Não a Mavorcia tuba.

Alea foge ao fragor do bronze altivo,
Nos verdes campos, em que ondêa Erihljis;
Arvora o pavelhão, da paz amiga
A' carinhosa sombra.

Des-sombra a face fulgurante Cinthio,
Apenas o tambor dormece, e a tuba:
E os hostís batalhões arnezes ferreos
Nas mãos da paz pendurão.

Mal no carro veloz Gradivo acceso
Desfere aos ares os pendões Mavorcios,
Troca o Monarcha o throno, o sceptro d'ouro,
Em eneo throno, e sceptro.

Crystal, que outrora alardeava o Sena,
Em rubras ondas converteo-se ind'hontem:
Luiz o affirme, que nas mãos da noite
Espera hum dia eterno.

De quando, em quando, lá nos Ceos centelha
Relampago veloz . . . do Ceo são brados:
Abrem-se as portas do descanço amigo;
Porém debalde abertas.

Cem vezes o fragor da voz d'Eleeno
Centrára ouvidos dos guerreiros povos,

Cem vezes se affeou cerulea Esfera,
D'atras cellagens densas.

Aos feros monstros nos semelha a Guerra,
Dos Libios antros, dos sertões Hircanios;
Desmaia a voz da Humanidade, e morre,
A' voz do Marcio buzio.

Jano isto conheceo: nas proprias brenhas
Do antigo Lacio rebentavão frutos;
Feliz ao Povo, que lhe amava o solio,
Meigo entornava risos.

Venturosa Região! transcende as nuvens
O Deos da serpe, bemfeitora Astréa:
Despem os troncos o verdor, e viço,
Mirrão-se as varzeas longas.

Nos altos mares mil baixeis soberbos
Aos ares mandão reluzentes bállas:
Torres, e torres de medonho fumo
Celicolas affrontão.

Na terra accesas legiões sangrentas
Vibrão as Trag'las, mais que o raio impias;
Thebas, Athenas, torreadas testas
Nas mãos da morte encostão.

Raivoso brama o Ceo . . . fuzila o raio:
Ronca nas rochas o espantoso Oceano:
Juncados de mortualha, o campo, e mares!
Que tetrico theatro!

O' Paz, ó doce Paz, que dias d'ouro
No Zenith de teus Geos despedem brilhos!
A campina se aloura, á vaga dorme
Namarfinada praia.

Não roda o carro de cerúleas noites
Sobre as montanhas, que abrilhantas meiga:
Nos braços esponsaes dormece o esposo,
Dos Temeros sem susto.

Brunas phalanges d'horridos flagellos,
Do teu micante rosto ao sol se furtão;
Os cubellos aos Reis, ao pobre a choça,
Igual tu sempre escudas.

Em quanto o facho da infernal Bellona
Britania, as Gallias, a Germania, a Iberia,
Com chamma enxofrea devorava horrendo
Atroedrontados valles,

Scenas astrosas nos theatros Lusos
Tu fazias fulgir da Oliva, ó Dona;
Croceas espigas mil, em vez de raios,
Lusitania empunhava.

ODE

A' ILLUSTRISSIMA E EXCELLENTISSIMA SENHORA D. MARIANNA JOAQUINA DE SOUSA COUTINHO.

Quem, Senhora, presume de louvar-vos
Com discurso, que baixe de divino,
De tanto maior pena será dino;
Quanto vós sois maior ao contemplar-vos.

Camões. Son. 106.

SE bem, que a tuba que embocaste, ó Tracio,
Nos priscos Evos, embocou Elmano; (*)
Sagrada gratidão com tudo incita
Meu nobre genio a arrebatar-te á terra
(Se tanto os hombros meus poderem tentos)
E fazer, que os teus vôos c'os meus se abatão,
Lá onde mundos mil pasmosos fulgem.

(*) Allude a huma Carta, que M. M. B. du Bocage consagrou á mesma Senhora, e que vem no 1.° Tom. das suas Rimas.

Teu nome egregio dá nos Pólos ambos:
D'Heroinas milhões, que a Historia dourão,
Que na terra abrotar fizerão fructos
Das mais pomposas, divinaes, virtudes,
Lá do nada em que estão (como que as vejo),
Emulas tuas adorarem, curvas,
Tuas grandes acções, teus dons, teu tudo:
Evos defunctos, que dourados fostes,
Onde estais? escondeis pejada a frente?
Tiveste acaso, ó Roma, ó Grecia, acaso
Desta estofa hum Heroe? já mais tiveste:
Tiveste generaes, que acções pasmosas
No horrido campo de Bellona obrassem:
Mas sempre são, acções de sangue, sangue.
Feliz a Patria! abençoadas faixas!
Bemdito o Numen, que te dera ao Mundo!
Das tuas perennaes virtudes grandes
O lucido fulgor espanca as trévas
Da sorte ingrata, que espumando opprime
Desditoso mortal, que afflicto geme.
Das tuas perennaes virtudes grandes
O lucido fulgor lá dá no solio,
Que quasi hum Semi-Deos illustra, e doura:
Lá deo no solio, que inda há pouco honrára,
Honra dos Lusos, das Nações inveja,
Maria singular, Maria, aquelle
Portento, que só Deos, ninguem creára.
Tua progenie, sendo immensa, he tenue,
He tenue em vista dos immensos dotes,
Do immenso coração, que herdaste aos Numes;
He progenie d'Heroes, que a Toga, as Armas
Na paz, na guerra, já honrarão, honrão.

Tenros meus versos inda, ó dita! ó Fado!
Pelas campinas da cerulea Esfera,
Teu nome seguirão, (que penso, tremo,
Que o Lethes mais a ti, que a mim respeite)
Teu nome seguirá, que gira, vôa
Pela vasta extensão do Ceo, da terra.
Lá fica atraz de mim dormente o charco,
O tempo, a morte; sobranceiro a tudo
Me faz o nome teu: no augusto Alcaçar,
(Pejado de troféos de tantas Eras)
Febo, mais hum troféo pendura, guinda,
Ganhado aos Zoilos em total campanha;
Dos nomes sorvedor ganhado ao Lethes;
Ao tempo estragador, que ufano acurva
Da Caria os Mausoléos, do Egypto as pedras;
A's Parcas infernaes tambem ganhado.

ODE

A HUM AMIGO DOENTE.

Ou seja em baixo valle, ou seja em monte,
Em rio, em campo, em casa, ou em floresta
Sempre acharei de ti, que cante, e conte.
Bernar. Epist. 29.

DO negro Averno a furibunda Deosa,
Que reconcentra em si milhões de Avernos,
Na carcumida mão punhando a fouce,
Pállida assoma.

Lá, calcando montões de sceptros d'ouro,
O ferro estragador amostra ao mundo,
Curvão-se as torres ao reflexo delle,
Rustica choça.

Carrancudas cohortes d'atras Furias,
Torva respiração do Orco medonho,
Olhos sulforeando a irmã das campas
Tetricas cercão.

Em negras flammas, que vomita a boca,
Que ornão membrudos, ossuosos dentes;
Surgem ás Furias infernaes decretos,
Rispidos mandos.

Além do Rio as lutulentas aguas
D'Heroes mergulhão respeitaveis nomes;
Da carreira geral da barca o dono
Náulon procura.

Não amarelles, immortal Ridelio,
Os negros Esquadrões p'ra ti não marchão:
P'ra ti não dorme o preguiçoso Lethes,
Rio enxordado.

Soberbos Mausoleos, terror aos Tempos,
Tu não precisas, que Artemisa te erga;
Nas douradas acções tens mais brilhante
Túmulo eterno.

Minos, que, ó Creta, te bejára os Povos,
Lugar entre os dous Reis alcanção justos
Hum throno singular, dão-lhe os seus dotes,
Nitido occupa.

O D E

A ANNIBAL.

Carthago exulta ; successor de Asdrubal,
Empunha o ferro denodado Annibal ;
Da idade no botão da Marcia tuba
Escuta os sons alegre.

Da Caixa rouca aos terradores échos
Os Vacceos, os Vetões, desmaião, tremem;
E mal no punho lhe resumbra o ferro,
Vacceos, Vetões se acurvão.

Tragão Sagunto labaredas roxas
A' crespa face do Varão briosq;
Antes o fogo, que os grilhões anhelão
Os Saguntinos Povos.

Soberbos arraiaes, barracas, campo
Nas correntes do Ebro ufano assenta;
Posterga os Pirenêos, sopêa os Gallos;
Do Rheno as ondas cruza.

Transmonta os Alpes nuveados, frios ;
E arrojando o ferror além da Iberia,
Faz a Italia tremer, levanta nella
O theatro de Marte.

Roma desmaia, o resplendor de Roma
Vendo o Carthaginez desbota, e murcha;
Lá Publio Scipião encontra ousado
O Heróe de Carthago.

Nas margens do Tecim dardejão golpes;
Os escudos estalão, ferve a guerra:
Roma! ferido teu Heróe desmaia . . .
Perdeste á gloria, os louros . . .

Qual torvo furacão, Sempronio vôa,
Fuzilão ferros, lá succumbe em Trebia . . .
O arrogante Flaminio he derrotado
No Trasimeno lago.

Paulo Emillio, Varrão lá marcha ao Campo:
Roma, ó soberba! lá se turva a Esfera . . .
Os Numes já cançarão, curva aos Numes
Adóra altos mandados.

Roma, ó soberba, ó arrogante Roma,
Nem sempre os torreões o raio affrontão;
A flôr dos cidadãos lá murcha: Canas
Juncada de Romanos . . .

Punico General lá bate ás portas
Da consternada, da convulsa, Roma:
Gemido aos anciãos, e pranto ás virgens,
Acode aos labios frios.

O ultimo dia te daria, ó Roma,
Se a Capua, se a risonha Capua foge;
Mas se quer te mostrou, que era o soberbo
Alarico vindouro.

ODE PINDARICA

AO FAUSTO NATAL DE HUM FILHO DO ILLUSTRISSIMO SENHOR NUNO FREIRE DE ANDRADA, COMMENDADOR DA ORDEM DE CHRISTO, ETC. ETC. ETC.

EU não sei, temperando as várias côres,
Dar vida com o pincel a Heróe famoso,
Nem com subtis lavôres
Em bronze erguer-lhe o vulto magestoso,
Fragil escudo contra os fataes damnos
Do Rei voraz dos annos;
Mas no sagrado Pindo
Com destra mão da fama eterna abrindo
Ao vulgo rude incognitos thesouros,
Levo o seu nome aos seculos vindouros.
Diniz. Od. 24. Estr. 1.ª

Estrofe 1.ª

Se os brados d'hum mortal cruzando os ares
Formão retumbos no Thesalio Pindo,
Meus brados vou soltar, que vão subindo
Ao terno ouvido das irmãs impares,

De fulgente broquel de Dircea espada
Armar os esquadrões d'eternos hymnos,
Curvar o cóllo do implacavel Monstro
De Freire á torre d'altos dons divinos.

Antist. 1.°

Da minha Clio ás alterozas vélas,
Do Cithreo vento bonançoso inchadas,
Abra-me prestes nitidas estradas
O Deos, que enfêa as túmidas procellas:
Acurvem-se os navifragos recifes,
E os lascados rochedos deshumanos,
De Delio protegida as ondas rasga
Minha orgulhoza, Náo soberba em pannos.

Epod. 1.°

Os mares assaltar taxe de audacia
O vulgo indigno embora;
Aos celsos vôos do Corifeo da Thracia,
Aos extasis de Thebas
Nem sempre a idade Juvenil descora:
De Pindaro immortal a cith'ra augusta
Compéte-lhe tambem, tambem lhe ajusta.

Estrof. 2.ª

Em quanto, ó Gallia, na presente idade
Peste sorvías das irmãs terriveis,
De males infernaes turbas horriveis
Em ti cevavão a lethal maldade;
Em quanto outras Nações bronzi-potentes
Aprestavão no mar tremendas frôtas,
Com susto aos bronzes das contrarias Gentes.

Antist. 2.ª

Em quanto o roncador trovão d'horrores
Sobre o Universo rebramava injusto,

E sobre as azas do amarello susto
Voava o raio productor das dores,
Em quanto pelo Ceo vagava errante
Torvo Cometa, agourador de damnos,
E Bellona cruel banhada em sangue
Monstros tornava os miseros humanos.

Epod. 2.°

A plaga Occidental . . . porém que mares
Clio cruzar pertendes . . .
Se anhelas elevar aos celsos ares
De Freire altas virtudes,
O' Clio, o assumpto presupposto offendes.
Tira d'aljava as reluzentes settas,
Feitos de Freire tu suppõe as metas.

Estrof. 3.ª

Qual o Cypreste, zombador das Eras,
Assombro dos mortaes, do monte a gloria,
Ergue o cóllo nas paginas da Historia,
Da Estirpe o tronco, de que o sêr colheras,
Por mais, que a torva, truculenta, Inveja
Queira prostrallo ao chão com dente agúdo,
Baldados repellões! tudo lhe burla
Guarida certa, da Virtude o escudo.

Antist. 3.ª

Oh! e como, ó Nação, verás pasmada,
Nos teus Ceos arraiar tão nobre, e claro,
Hum Astro novo d'explendor tão raro,
Que a luz torna de Cinthio desmaiada:
Em verdade Orion com jus não tanto
Brilha nos campos, em que Orania impéra,
Soberbo gira lúcido Cometa
A alma de Cesar na azulada Esfera.

Epod. 3.°

Ao brilhante clarão d'honrosos feitos,
Com que honras a Ascendencia,
Ficão do vicio os esquadrões desfeitos:
Da Virtude as falanges
Armão os punhos de viril potencia,
Fronte engrinaldão do Varão, que he justo,
E ao malfadado Atheo flammejão susto.

Estrof. 4.ª

Ao brando vento da Lisonja hervada
Ferras os pannos com prudencia justa;
Perma, Cipris, jamais, Pertunda injusta,
Virão-te o penetral da Estancia honrada:
Preclaro defensor da oppressa Thebas,
Levando a Esparta do seu braço a furia,
Inda esse não te rouba, o que alta Elisia
Té quer alçar padrão, do Tempo injúria.

Antist. 4.ª

Esgote o vaso da fatal desordem
O soberbo Nerão, do Ceo zombando;
Braveje, espume atroz Roma, abalando
Ao som tremendo d'implacavel ordem;
A mão do Numen não sopêa sempre
O fogo aterrador . . . trovões lá troão . . .
Tremei, soberbos Reis, nos vossos tectos
Tambem da Parca os alarídos soão.

Epod. 4.°

De raios arma o Vicio a mão de Jove,
De graças a Virtude,
D'Amom o braço vingador se move
A consolar Eaco,
Justissimo Varão, na peste rude:

Feliz o coração, que treme á negra
Sulfurea raiva, do que trôa em Flegra!

Estrof. 5.ª

Sim, Freire, tu nos dás robustas provas
De quanto os Deoses a Virtude altera,
Hum raio della desassombra a Esfera,
Reveste a terra, e Ceos de côres novas
Accende o facho inapagavel Himen,
Virginensi [illegible]tambem tempéra as flôres;
Teu cora[illegible], e o coração da Esposa,
Caliz esgota dos fieis amôres.

Antist. 5.ª

No aureo leito . . . porém, que Deosa airos a
Candidas véstes! . . . virginal semblante!
Se acaso a vista não me engana errante,
Prorsa nos braços te sustém a Esposa:
Oh! que formoso infante! ó Ceos! ó terra!
Qual outra viste producção mais bella?
Thé a face descobre huma alma pura,
Melindrosa porção d'alguma Estrella.

Epod. 5.º

Risonhos lábios . . . mas que mudo espanto
Roxas vêas me calia! . . .
Toldão-se os Astros de medonho manto!
De quando em quando o rompe
Sulfurea lança, que na rocha estala . . .
Euros, Austros, roncando pelas penhas
O cume abalão das robustas brenhas.

Estrof. 6.ª

Oh! e como o alto mar revolve a entranha!
Que escarceos, e escarceos d'espuma salsa,
Que hórrido monstro sobre as ondas alça

Carão tremendo de grandeza estranha!
Ressoa a costa ao pavoroso accento;
Que solta aos ares da feroz garganta;
Move o Tridente, e a Tempestade escura
Curva lhe geme aos pés, e o mar supplanta.

Antist. 6.ª

Lusitania, elle diz, cruzaste ousada
Bem contra o meu sabor, meu Reino aquoso:
Estuozas Sirtes, Cabo tormentoso
A gavea não sustou da Fáia inchada:
Chéfe attrevido não mudou d'intento:
Zombou seu Pinho do furor das vagas
Com soltos pannos da Fortuna ao vento.

Epod. 6.

Rotas por terra as Dithirambias aras,
O' Monarcha famoso!
Tuas Bandeiras de potencia avaras
Tremularém no Oriente!
Oh! Ditosa Nação! Povo ditoso!
Sim vez esta sómente a mágoa, e luto
Correo, qual rio, por meu rosto enxuto.

Estrof. 7.ª

Sim accurvei-me á vergonhosa affronta
D'ousados Pinhos teus, porém ó Numes,
Sobre os hombros suster cumes, e cumes
D'hórridas ancias, que não tem já conta!
Tridente . . . ó sceptro que me deo Tomante . . .
Ferventes ondas, implacaveis Fados,
Govérno os mares com poderes tantos,
Quantos tem meu Irmão nos Ceos sagrados.

Antist. 7.ª

Na Lusa plaga lá rebenta a idade,

Que de Cumêa nos volumes lêra,
Lusitano Varão, que o vicio impéra,
Vio do mundo, ai de mim! a immensidade:
Sob estendartes de João sob'rano
Novo mundo achará . . . que eterna mágoa!
Vasco deslumbrará com a luz da gloria,
E o meu peito será da inveja a frágoa.

Epod. 7.°

Do Pai seguindo os divinaes preceitos,
O sceptro arranca ao Vicio;
Com o trovão das acções, dos grandes feitos,
Treme d'inveja a Historia . . .
Mas, ó Clio, que immenso precipicio
Te ameaça o Baixel com as ondas morto?
Lança o teu ferro no Angeroneo Porto.

ODE

SObre, ó Marilia, sobre os teus altares
De mil amantes corações mil ardem;
Vagas vermelhas de vermelho sangue
A' muito, que os ensopão.

Hum férreo aspecto á vassalagem terna
De sincero amador soberba ostentas;
Aos ais, que a tua ingratidão lhe arranca,
De ser te jactas bronzeo.

Dos annos o botão nem sempre he virgem,
A mão rugosa dos tremendos annos
Soberba o abre, e mal o alcança aberto,
Torva o desfolha todo.

Hoje se a ternos, mil fieis, amantes
Hum só gemido teu, d'amor em prova,
Se hum só ai, por ti dado, aos Ceos eleva,
O sêr lhes eterniza;

A' manhã, qual á ingente, idosa torre,
Que a mão provou dos alterosos seculos,
Ou qual ao Cedro, que accurvado ao Tempo,
Promette baque horrendo;

Ao teu medonho rosto, já cunhado
Com a effigie fatal da idade curva,
Os amantes leaes de pasmo absortos
Hão de fugir medrosos.

Tuas fumantes áras, carregadas
Do grato aroma de leaes protestos,
Carregadas então verás com pasmo
D'ágros despresos duros.

CANTATA

A

ULISSES.

Muros soberbos da orgulhosa Troia
Derribados em fim por braço Argivo,
Sagaz, astuto, Grego,
Ancioso demandar teu Reino intentas;
Delle as memórias, as lembranças delle
O mar te adoção, te enclausurão ventos;
Já crês na mente, que em saudades pasce,
Nos patrios mares ancorado haveres;
Vêr Consorte fiel em ais de gosto
Dar-te mil bêjos, mil abraços dar-te;
Teu cel'bre filho, que deixaste em faixas,
Pedir-te a benção paternal, banhar-te
De lagrimas a mão, que o sêr lhe dera.
Mas . . . eis goradas as Reaes idéas!
Hum fado avesso te persegue arreio,
D'Ithaca as praias não lhe apraz, que vejas
Com essa rapidez, que anhelas, pintas.
Da Maga Circe aos fabulosos campos,
Com maligno furor, soprou teu rumo:
Do Norte guiador com mão sinistra
Os lumes encubrio da Esquadra tua.

Circeos, aureos, Palacios
Ternos te aguardão, te agasalhão meigos.
Lá chega a noite . . . a sapiente Maga
Méiga deo-te a provar dos seus encantos,
Provar do nectar doce,
Priméva origem dos cenosos males,
Com que hum turvo Porvir te aguarda ao longe.
Vèlhos volumes da maldita Magia
Folheou, estudou; descobre os modos
D'em seus muros conter-se, ó Grego astuto:
Ella comtigo repartir quizera
Dos attractivos seus, d'affagos della,
Em quanto os hombros do Gigante Hesperio
Nuveado Olímpo sustentar podessem.
Venenosa bebida
Em ferreas taças temperaste, ó Circe,
Por negras fórmas, que estudaste infante;
E murmurando pavorosos textos,
Aos socios Ulisseos trocaste a fórma.
De Penelope o amor, saudades della,
Tua vida, teu peito escalão, mordem,
A' proporção que vai mais negros crimes,
Crimes mais feios, maquinando a Maga.
Nisto Numen algum, algum Penate,
Com côres infernaes, pincel sombrio,
A' idéa te pintou de certo, ó Grego,
Esse Oraculo escuro,
Que termo infausto prometteo n'outrora
Ao ténue fio dos teus tenues dias:
Porém já tarde foi, piedoso Numen,
Já tarde te lembraste; o Grego foge,
Porém deixa á cruel, tyranna Circe,

O instrumento fatal á vida sua.
No quadro atterrador fincaste os olhos,
Na torva scena, que te espera ao longe,
Inquietos olhos teus tambem fincaste,
Estremeces, murmuras, gemes, gritas.
Foi então, foi então, que ousada fuga
Com alguns dos socios teus, que inda escaparão
Ao mágico furor, executaste . . .
Ah! Maga! oh! Circe! qu'he do astuto Ulisses?
Ulisses, que gozou teus dons, thesouros!
Ter Coracão de se roubar aos braços,
Que lhe estendia teu amor nectareo?
Oh! pagou-te mui bem ternura, affagos,
Com que lhe franqueaste os teus carinhos?
Sim, foi-te ingrato, ó Circe,
Esqueceo-se de ti, não mais lhe lembras:
Foi tyrannía, foi crueza, ó Circe . . .
Mas Telegno deixou-te alento, alento,
Algum tempo virá que elle te vingue;
Os Oraclos não mentem, não se enganão,
Telegno o matará, preceito he delles.
Venceste, ó Principe, as caricias Magas
Déssa, que o filho teu tambem namora,
(E que a não ser Mentor talvez perdesse)
Magi-potente voz, que rouba esp'ritos
Das femi-peixes Virgens,
Fugiste ó Grego, offereceo-te Eólo
Folles pejados d'atrevidos ventos;
Porém nada bastou, destino horrendo
Anheláva atermar d'outra maneira
Teus dias, a teu Reino, á Esposa, esteio.
Depois de longos, infernaes, labores

Altos recifes, perigosos baixos,
Vencido haverem tuas Náos armadas,
Eis revoltosos, e membrudos ventos
(Soltos dos odres, que te dera o Nume)
Roubão-te as vélas, pela enxarcia zunem,
A gavea geme aos repellões contínuos;
Nuvens d'horrenda côr, sobre outras nuvens,
Ao Rei dos astros o clarão suffocão;
Coalhão-se os ares d'horrorosos raios,
De grossas agoas do fogaz relampo
O nitido clarão mais feia, e negra,
Mostra a procella horrenda:
Inda não cessa do indignado Olimpo
O rábido furor, inda lá rompe
Mais retorcido, e bravo, os turvos ares,
O raio mais fatal aos pinhos todos.
Da plaga Eôa, d'Occidente á plaga
Vôa o medonho berro;
Nautas ensurda o pavoroso estrondo;
A marulhada estruge:
Que celeuma piedoza aos Ceos levantão
Bocas convulsas de convulsos nautas!
Que negra confusão não dada aos mares!
Eis juncados de restos miserandos
Raivosos mares da infeliz Esquadra
Roto mastro alli vai . . . quebrado leme . . .
Já roto lenho, que affrontava a Morte,
Sóbe, e desce, dos Ceos, do pégo ao fundo,
Do profundo do mar aos Ceos se excelça:
Pállidos corpos, do que forão sombras,
Sobre os marulhos surgem.
Eis o retrato na tormenta horrenda

A figura fiel do negro Inferno.
Algum Numen piedoso ouvio-te, ó Circe,
Negras preces ouvio, que tu raivosa
(A bocca sangue, torvo o aspecto) ergueste.
Folga á vista do horror, que em torno esvoaça
Do miserando Grego;
Folga á vista do horror, ó Circe, exulta!
Ei-lo, que vai cortando os rôlos d'agoa
Sem Náo, sem socio, tão sómente o triste
Sobre huma misera tâboa se acompanha:
Ei-lo, Circe, . . . lá vai . . . ei-lo affrontando
As carrancas do Ceo, do mar as furias;
Ei-lo chegado quasi
Ao termo desejado, ao Reino equoreo,
Onde em purpureo sólio as leis promulga:
Oh! Maga! oh! Maga! ao tormentoso pégo
Inda escapou teu fementido amante;
Zombou inda outra vez das furias tuas,
Zombou dos rogos, que mandaste ao Nume,
D'Umbro talvez ao decantado Mane. . . .
He chegado a final o tempo, ó Maga,
Saber mandar do Pai teu filho, o delle,
Que assim ordena o Oraculo!
Deixa o ermo feliz, Principe Argivo,
Teus Povos enfileira, á praia volve;
Inimigos crueis . . . sanguinea raiva
Morda teu coração, entranhas tuas,
Defende o Reino teu . . . cumprio-se, ó Gentes,
Tragico fim, presagiado á tanto:
Hervada setta, despedida do arco
Da Semi-Magia prôle,
Negro instrumento foi do termo acerbo.

Folga, Circe, he já morto o falso amante!
Tirou-lhe os dias sua próle, e a tua.

Tristes mortaes, cuidado,
Circes inda ha no mundo.
Reputai seus carinhos
Pelo mal mais profundo.

O miserando Ulisses
Disto provas nos dá;
Não só no mar ha Circes,
Tambem na terra as há.

QUEIXAS

DE

ANALIA.

Tel est homme ingrat, que est moins coupable de son ingratitude, que celui, qui lui a fait du bien.

Rochefoucauld. Max. 229.

DEscubriste a final, barbaro amante,
Tua maldade aos Ceos, sem mêdo ao raio,
Com que punem mòrtaes, que á fé se furtão
D'huma singela, d'huma fragil Dama.
Desentranhaste em fim sem dôr, sem pejo,

Do ingrato peito o numeroso bando
De negros vicios, que sumir tentaste:
A tua ingratidão sem par, sem outra,
Dos teus prazeres o tyranno seja,
S'entre o murmurio d'opulenta Corte,
(Os Ceos m'escutem de trovões c'roados)
S'entre os Espectros d'assombrosa gruta
Teu mal te conduzir, teu mal te puna,
E os ouvidos do Ceo se tornem ferro.
Dize, ingrato traidor, sem par no mundo,
Que he d'esse eterno amor, constancia eterna,
Que ao semblante do Ceo me déste em voto?
Aquella antiga caverna furna,
Testemunha, que fôra, inda rumina
Voluveis échos dos voluveis votos.
Treme, treme d'horror, se horror concebes.
Não respeitaste, ingrato, eu ser quem era?
Em sentimentos, em riqueza, em dotes
A ti nada inf'rior . . . porém . . . não digo . . .
Não veneraste as leis, que impõe o Alado
A todos os mortaes, que á amar se cingem?
Meus dias juvenis não refrearão
D'entrenhas tuas furial veneno?
Minha belleza (se belleza existe)
Capaz não fôra de roubar-te ao crime?
Minha constancia em fim (prenda dos Deoses)
Forças não teve assás d'arrebatar-te
Da crua dextra a ferruginea taça,
Em que da ingratidão jazia o Inferno!
Ah! que a tudo traidor vendaste os olhos,
Teus ouvidos cerraste á voz potente
Dos Ceos, d'amor, da natureza toda.

Murchou-se d'huma vez (raivosa o digo)
Nos magros braços da tristeza mûda
Aquelle almo prazer, suave nectar,
Que nesses roseos, recendentes Tempos
Me temperava o fel da vida azêda.
Enférma hum coração, pr'a amor creado,
Se o desempara amor, se amor lhe foge.
Meus olhos, ai de mim! meus turvos olhos
Parecem de crystal perennes fontes:
Minha alma, que era tua, e tua a minha,
D'alma não tem (se me convem dize-lo)
Senão esp'rito ser; entendimento,
A memoria, a vontade, eis tudo murcho.
Qual hirto Espectro de horrorosa campa,
Por entre o escuro d'huma escura noite,
De corpo sem signaes meu corpo he todo.
A ferrea ausencia, requintada filha
Do Reino, que Plutão com o sceptro anima,
Turva lembrança, que o meu sêr noitece,
A lembrança cruel (ferrenhos Fados!)
Eis os verdugos, que me dão garrotes;
Do Sol á face me ladeão vultos,
Torneão-me de noite Espectros, sombras,
O mesmo inferno . . . a sepultura mûda
Abre a garganta, hum Esqueleto surge;
Com carcomida mão me apalpa os membros.
Ah! carrancuda sorte! avêssos Fados!
Damas, ó Damas, escutai-me, ouvi-me,
Pois sois iguaes a mim, chorai comigo.
No verde campo resuscita a rosa,
Amostra-se em botão bem mal disperto,
Abre-se ao meio dia, e á noite murcha.

Porém que importa, se em tão curto tempo
Ella recebe do Favonio os bêjos,
Goza todo o prazer, das rosas proprio?
Nós . . . ah! não disse bem, só eu, eu triste
Inda em verde botão murchei, cahirão
Frias saraivas sobre mim da noite,
Da noite horrenda da infernal Desgraça.
Deoses de ferro . . . alcantilada rocha,
Tu descahe sobre mim . . . tuas ruinas . . .
Mas que bramo? ... esperai, Jove, não me ouças.
E tu barbaro amante, a quem n'outrora
Inconstante não crí, a quem dei provas
Mais de vezes milhões d'eterna estima,
Ouve os teus crimes, já por mim sabidos,
Sabidos já dos Ceos, do mundo todo,
Credores d'exemplar castigo, horrendo.
„ Se o Numen dos trovões (Amor te falla)
Faz delicias chover sobre os constantes,
Cerrado batalhão de crespos damnos
Desentranha do Inferno, ameaça, e punge
A inconstancia com elle, o amor voluvel.
Por mais, que as nuvens de procella intentem
De todo escurecer, quem corre a Esfera,
O Universo, inda assim lhe prova as luzes;
Quem tem perfeito amor, d'amor he sempre;
As pardas nuvens da inconstancia errante
Lutão de balde no apagar-lhe as flammas.
Huma Dama gentil, gentil Deidade,
Inda prole dos Ceos, porção do Olimpo,
Não, não deve abalar hum peito nobre,
Escorado no amor já d'outra Dama. „
Estas as sacras leis, que sem desculpa

Do amante o coração guardar se obriga;
Mas tu, ferreo traidor, d'essencia bronze,
Tu quebrantaste as leis, manchaste os Deoses,
Preferiste-me, ingrato, indigna Dama
Desse teu coração, já meu n'outrora.
He-me em tudo inf'rior; seus sentimentos
D'hum nobre coração não são productos;
Seu amor não he hum, não tem firmeza;
Fallazes expressões de ter campêa;
Outros mais, como a ti, tem captivado,
E alardêa de ter mil amadores.
He-me em tudo inf'rior, eis minha gloria:
Eis o teu crime, que a si proprio pune.
„Que he formosa (dirás), que he sem segunda,
Que loura trança tem, que são seus olhos
Da côr da noite tenebrosa, e escura,
Que são de cravo seus cheirosos labios,
Que são seus dentes do marfim mais claro,
Que em suas faces a papoula, a neve,
Dos virentes jardins da Pafia Deoza,
Pousão sem susto, com amor se casão,
Que a Ericina invejar faz o seu rosto,
Que he toda singular nos dons do corpo,
E que os corporeos dons os d'alma offuscão.„
Ah! barbaro, ah! traidor, os sentimentos
De Senhora qualquer são os thesouros.
Eis as desculpas, que darás sem tino
A's crebras repre'nsões, que der-te o peito;
Os assintes ao amor de qualquer Dama
Impunes, creio, que jámais ficarão.
Se hoje não tanto como a tua amada
Tenho belleza, que já tive outrora,

Minha belleza tu, só tu, gozaste.
Dos tenros annos, do verdor da idade,
A ti me consagrei, cerrando ouvidos
A' penetrante voz, talvez . . . bem sabes,
Que a ti sacrifiquei belleza, infancia,
Alma, vida, prazer, que fui só tua.
Nem sempre querem no botão dos annos
As Damas juvenis amar como amo.
Rota a cadêa, com que amor ligou-nos,
Rotos os votos, que mandaste aos Astros,
Amante inda fiquei, qual fui sou inda;
Quanto me embriaguei na imagem tua!
Vária não hei de ser, os Ceos me attendão,
A dous amantes não sei dar o peito;
Mais nobre he o coração, que ama sem paga,
Mas torpe he o coração, que amado he duro.
Entre os braços crueis dessa malvada
Expires vezes mil, subas com ella
Ao cume do prazer, talvez veneno;
Da tua aldêa os Ceos chovão prazeres
Sobre ella, sobre ti, barbaro, ingrato;
A ella mais, que a mim, guardes firmeza,
Firmeza tanta, que as vindouras Eras,
Cheias de pasmo, perpetuem teu nome,
Estatuas te ergão do metal valente.
Quando saciado emfim da luz do dia,
N'outro Hemisferio reluzir quizeres,
Em rosea nuvem tu com teus amores
Passes aos campos, ao prazer sagrados,
E lá de novo suspirando vivas
Dessa minha rival no seio indigno.
Não te lembres de mim duro, rochedo,

D'huma, como eu, tão desditosa Dama;
Eis o que pede a inconsolada Analia,
Analia, que era a flôr, que mais prezavas.

QUEDA
DE
FAETONTE.

Le caractère du Fils triompha de la raison du Père.

Demoustier.

QUando na egregia, fulgurante, Estancia
Da luz o Conductor cançados membros
Em coxins de prazer refocilava,
E dos Cimerios resurgida a noite
Dos ares na Região desenrolava
Condensas trevas da carroça evenea;
De Climene immortal a prole infausta,
(Flammas os labios, labareda os olhos,
Mordido o coração, dentado o peito,
Das magras furias producção do averno,
Com passo desigual, perplexas vistas),
Entra na Estancia, e vê, rompe o silencio
Morno, o silencio, que dormia em torno
A Febo, ás Horas, Estações, a tudo.

Ao nobre aspecto do ignif'ro Numen,
Curvada a fronte, seus joelhos curvos,
Eu sou (lhe diz Faetonte), eu sou teu filho;
Lá sob hum Ceo azul, Ceo de delicias,
Virão meus olhos seus primevos dias;
Talvéz de Leocothóe, de Clitia airosa,
E de Dafne talvez me julgues prole;
De Climene porém a força, a vida,
Robustos membros recebi, Pai terno,
Quando estimado dos potentes Numes
Tu te deste a Climene, egregia Esposa.
Epafo, illustre moço, illustre prole
Do Deos do Raio, e de Io encantadora,
Ao proprio rosto me lançou .... ó raiva!
Que eu de ti, ó meu Pai, não procedia.
Cheias as faces de rubor, e d'ira
Acceso lhe jurei, que antes d'hum dia
Lhe mostrara qual era origem minha.
No teu dourado, radioso Carro,
Por hum dia sequer aos Ceos, e á terra
Quero hum dia mostrar, como tu mostras;
Na dextra robustez, govêrno, e mando
Alardeo de ter; Quadriga a tua
No galope usual terá compasso:
Minha Mai, na figura, e face Deosa,
Foi quem me deo, ó Pai, tão bom conselho.
Nervosas provas, expressões robustas,
Se bem que usara pr'a apagar-lhe o fogo
O Numen, que nos Ceos estende os dias,
Do filho ao rogo succumbio comtudo.
Faetonte (lhe torna o Deos das luzes),
Sabem os Deoses do estrellado Olimpo,

Que hes por Climene, que hes por mim gerado,
E o amor, que te consagro, he disso a prova.
Se porém mais signaes, mais altas mostras,
Projectas extorquir d'hum Pai piedozo,
No Plaustro montarás, que sempre monto;
Darás, se te aprouver, dia lustrozo
A' Estancia Divinal, á Estancia humana.
Nisto com morta voz micante Ebo
Prestes as horas matinaes convoca,
Inda ligeiras mais, que a lenta Aurora.
Do carro acceso, que as Esferas corre,
O ligeiro Piróis, fugoso Ethonte,
Leve, rapido Eôu, Flegón ardente
Cingem á lança com iguaes corrêas.
Sobre o carro da luz se assenta ufano,
Vendo, que o moço desmentido havia,
Climenea producção, Real Efébo.
Tem na sinistra mão cordões dos Brutos,
Da Quadriga veloz na dextra o açoute.
De novo na partida infausta avisos
Esperdiça com elle o Pai dourado,
„ No teu timido vôo, ou vôo soberbo
(Diz-lhe Clario talvez já douto em tudo)
Igualmente dos Ceos, da terra foge;
O caminho melhor, que sempre trilho,
Desde que aos Brutos os cordões govérno,
O caminho melhor, mais plano, e doce
O do meio será; nem sempre a terra,
O' Filho, roçarás, os Ceos nem sempre;
Dependem dias teus de o bem seguires;
Do muito se elevar succede a queda,
Do muito se abater succede a perda. „

Inda Appollo fallava, e já Faetonte
Pela abobada azul se via ufano,
Ora as redeas retêr, ora larga-las,
Segundo o acaso lhe regia o gosto.
A Quadriga veloz a mão noviça
Do novo Conductor mal conhecera;
Ora a Estancia immortal dos Entes Grandes,
Ora do Globo terrestre, aos Ceos opposto,
Entre arduas flammas respirar fazia.
Aquelle, que na dextra enfeixa os raios,
Faz-se amarello no fulgor das luzes:
O Deos, que empunha o Tridentino Sceptro,
Faz-se da mesma côr nas vitreas lapas,
E ao Rei das sombras no profundo Averno
Tingem as faces duvidosas cores.
Aos crebros rogos da infeliz Cibelle,
Movido o coração do Rei do Olimpo,
Do Throno se ergue, e c'o a terrivel dextra
Punge a prole infeliz do Numen louro.
Mal os robustos, os ardentes Brutos
A's trevas entregarão Ceos, e terra,
Brinco dos ventos, e dos raios brinco,
Lá no Eridano (*) ardente cahe Faetonte,
Cujas agoas fumantes entregarão
Seu corpo meio morto ás salsas ondas
Do encapellado, marulhoso, Oceano.
Cicno (**), Monarcha da Liguria, ó moço,
O fim te pranteou, inda hoje em Cisne
A morte te deplora; inda te chorão

(*) Hoje he o Pó, rio da Italia.
(**) Houverão muitos Cicnos; porém o filho de Stenélus he o mais celebre, e o unico interessante; e he deste que fallo.

As Heliades tres, tambem mudadas
Em altos olmos, e em alambre as gotas,
Que dimanarão de seus turvos olhos.

Coréso, e Callirhóe.

AOs pés do altar do Numen, que risonho
Recebe o incenso dos Etolios Póvos,
Na terra a face, desta sorte orava
Coréso, deste Deos Ministro Summo.
Bacho, ó Bacho immortal, Deos que proteges
Submissas gentes, respeitosos Póvos!
Pomposas aras, emulas das Delfias,
Teu Busto venerando o Nume enfeita:
Estes Póvos felizes não conhecem,
Nem querem conhecer, mais outros Deoses,
(Excepto o que escapou das patrias furias),
Teu braço, teu podêr, não mais anhellão.
Se alta fortuna lhes reluz nos tectos,
Dão-te mil graças, não a crêm do Acaso:
Se horridos esquadrões d'horridas furias
Marchão, nas dextras c'os punhaes sangrentos,
Crêm dos seus crimes justiçosas penas,
D'hum Deos, que os ama com serena face.
Decrepito Ancião, junto á tua ara,
Rogou, e conseguio; matrona debil,
Tintas as faces do pallôr da morte,
Tremendo tè rogou, tu lhe outorgaste.

Ao vivo moço, ao mesmo infante meigo,
A tenue voz mal ensaiada escutas;
Teus mesmos troncos, Calidonia selva,
(Asilo ao Monstro, que esmagou Meleagro)
Dão graças ao meu Deos com seus susurros.
D'ausentes ermos rabidas Donzellas
Teu Templo santo protector povoão;
A molle frouxidão depõem mil velhos
Dos teus brilhantes Chões na immensa roda;
Nas tuas Bachanaes ebrios mancebos,
Quentes Efebos ululantes uivão,
Silvão, vocifrão, com tangeres roucos
Refentas carnes d'ancião insultão.
Bacho, Bacho immortal, tu presta ouvidos,
Ouvidos d'attenção; meu rogo he digno;
Mostra que estimas teu Ministro, e mostra
O immenso teu podêr, quando n'outrora,
Apênas d'homem revestiste a fórma,
Aos Indios tectos tu puzeste medos;
Cuberto de leão c'o a fórma horrenda,
Cebrions, Briarêos atassalhaste,
Os celestes Sceptri-geras livrando
Do pejo, do pavôr, da injuria, e morte.
Desde o berço infantil creado, ó Nume,
Fui pelas Horas pr'a teu Templo augusto;
Teu Summo Sacerdote ha longos lustros
Sirvo nas aras, o teu lume accendo,
Perfumo as vestes, as sagradas roupas,
Hymnos componho em teu louvor, e os canto
Ao som do rouco, fimbriado Sistro.
Com não profanas mãos te immolo os Bodes
(Sacrificios a ti mais doces, gratos)

Fiel executor teus sacros ritos
Nas festas Bachias denodado ostento.
Falta ao respeito, com que me honra o cargo,
Perfida moça, Callirhóe terrivel;
Cheia de si não reconhece Deoses,
E se Deoses conhece, então suppõe-se
(Perdoa-me o dizer) tambem ser Deosa.
Das tuas festivaes desordens zomba,
Chimera o teu podêr suppõe, fantasma
Tua existencia, tua gloria sonho.
Jura o meu santo não seguir exemplo,
Teu Templo derrocar, calcar teu Busto,
Mostrar ao mundo, que huma Deosa irada
Rege á sua feição Mortaes, e Numes.
Nas faces tem dous Ceos, dous Sóes contendo;
No peito hum coração marmoreo, ou bronzeo.
Jura á campa levar feições, pureza,
(Que quer impôr que tem, porém he falço)
Com ella repartir sómente affagos,
Affagos já então nevados, murchos.
Ingrata aos Deoses, aos Mortaes ingrata!
Se em vida não gozar comtigo . . . a morte
Levando-me aos Elisios, nos Elisios
Comtigo... hei-de... gozar... morrer... comtigo.
Numen, ó Numen, sê propicio ás vozes
De Coreso infeliz; teu Servo escuta:
Crimes menores tem raivado o Numen,
Que Encélado enterrou no monte ardente . .
Nisto ... ronca o trovão ... relampos fulgem,
Horrido embate de horridas rajadas
Troncos arrastra das medrozas selvas,
Grossas muralhas pavidas remugem,

Quedas terriveis promettendo aos homens:
Mudos os ares, abafados, turvos,
Não vêm a luz do Sol, he tudo sombras,
He tudo horrores de horrorosa noite,
De noite que surgio da avernea furna;
Medonhos bosques abandonão Monstros,
Nos homens fartão-se as famintas féras.
Virgens, Matronas, Anciãos, Efébos
Descórados, e doudos, não conhecem
A mão, que os pune, não conhecem nada.
O Pai raivando, deshonesta a filha,
A Mai rugosa desafia a prole,
O louco irmão a irmã não reconhece;
As leis do sangue respeitaveis tanto,
(A Mai de Adonis convertida em tronco
Victima triste por violar o sangue)
Não podem refrear tão negros crimes.
Entre as desordens do geral castigo
Amigo Orac'lo Calidonio ordena,
Que os Póvos Callirhóe victimem, causa
D'acerbos males, que dos Ceos chovião,
Que morta Callirhóe cessavão males.
Os Pais da Virgem deplorandos, tristes,
Tragica ordenação! descórão, tremem.
Na filha, que suppõe singela e pura,
Crime não vêm algum credor da pena,
Ai delles! guiaráõ da campa ás margens
A filha, a propria filha, hão de ensinar-lhe
A entrar sem tremor no horrendo asilo
Dos frios ossos, e das cinzas frias,
E em que a morte dá leis com bronzeo sceptro.
Eis a virginea Callirhóe contente

Com não trémulo passo entra no Templo.
Longos degráos do altar já sóbe a triste,
E no sagrado altar sisudos olhos,
Lugubres orações ao Nume envia.
Luz o cutélo novamente afiado.
Entre o povo não ha pessoa alguma,
Que soffra o golpe, por livrar a Virgem;
Ei-la off'rece o pescoço ao lizo ferro;
E prompta a receber o golpe horrendo,
Das mãos daquelle, que a adorou n'outrora,
Cores não muda, não depõe as flores,
Com que se ornara para vir ao Templo.
Coreso ergue o punhal, no proprio cóllo
O crava, sem poder ferir a triste,
Rios vermelhos de vermelho sangue
O teu sagrado altar, ó Bacho, inundão,
Todo o povo desçóra . . . o Templo treme . . .
As abobadas mugem d'assombradas . . .
O Ceo se preparava a dar ao mundo
Relampos, e trovões, dar provas certas,
Que a opprimida innocencia ufanos vingão.
Callirhóe no punhal seus olhos fita,
Inda banhado do Coreseo sangue,
E voltando ao altar rev'rentes vistas,
Ella se immola sem tremôr, seu corpo
Cahe sobre o corpo do Coreseo amante.
A vida os separou, a morte os une,
Nos Elisios talvez se gozem ambos.

NENIA

A' NUNCA ASSAZ PRANTEADA MORTE DE M. M. B. DU BOCAGE.

Da mihi, siquid est, hebetantem pectora Lethem,
Oblitus potero non tamen esse tui.
Ovid. de Pont.

QUe (diz consternada, pallida Lisboa)
Horrida causa minha paz perturba ?
Que vejo entorno a mim ? que horrendas côres
Meus amarellos horisontes tingem ?
Nuvens, e nuvens pavorosas, feias,
Meu Póllo assombrão como nunca triste !
Dias ha tres, que o Sol não mostra as luzes !
Meus cáros cortezãos pavidos tremem !
Nas minhas Praças só silencio mudo !
Dos meus zimborios nas agudas grimpas
Ouvem-se apênas desastrozas aves !
Que será ? . . . que pavor isto annuncia ?
Das minhas torres em fragor confuso
Lúgubres sinos retalhando os ares,
Co' as vozes roucas inda mais me anceão !
Batem nas praias marulhosos mares !

Na urna d'ouro recostado o Téjo,
Na face posta a mão, como quem pensa!
Que será? . . . que pavor isto annuncia?
Eternos Deoses, declarai-me o agouro:
D'algum dos Grandes meus talvez a morte,
Talvez a perda . . . mas que vejo, ó Deoses? . .
Que boca alarga condensada Esfera?
Que frio susto me sopêa o alento!
Que escuto? . . ,, Elmano já perdeste, ó Lisia,
Nem sempre os torreões o raio insultão. ,,
Que voz terrivel? . . . como, ó Ceo, podeste
A negra sorte declarar de Elmano?
Que córte tão sensivel . . . eu me abrazo.
Meus edificios morrerão comigo . . .
A' desesperação toda me entrego . . .
Minha Arcadia expirar? . . quem crerá isto?
Das minhas glorias o matiz pomposo
Para sempre expirar co' a morte della!
Encurta-se-me a vida ao som dos bronzes . . .
Será certa, ai de mim! . . funesta nova . . .
Deoses, Deoses de bronze, será certa? . . .
Ah! foi . . . me disse o Ceo . . . o Ceo me deixa
Em desabono de promessas tantas.
Já não sou, filhos meus, sorte de ferro!
Já não sou, Cortezaõs, qual fui no Ourique . . .
Serie perpetua d'hum perpetuo gosto
O Ceo me prometteo, Affonso o diga,
Por signal, que inda exulta o mesmo Campo.
Qual nuvem, Cidadaõs, fugio-me a dita,
O prazer de gozar victoria eterna,
De sob'rana extender a minha alçada
Sobre as remotas, as Nações visinhas.

Mil, e mil golpes a fórtuna horrenda
Sobre mim, sobre vós, tem desfechado,
Mas esperanças de vindouras prendas
As lagrimas talvez que me embargassem,
Hoje que farei Ceo! não me allivião
Doces promessas d'algum bem mais doce;
Eis o principio do meu fim futuro,
Na morte do meu Sol, do meu bom filho,
Parece que Ulissêa ao nada torna,
Parece que ante mim defronto o cahos,
Donde surgirão tantos mundos grandes.
Que he do meu Vate!.. ah! misera Ulissêa...
Que he do meu Vate, que com versos d'ouro
O nome aos meus Heroes, a gloria minha,
Entregava nas maõs da Eternidade?
Guerreiros immortaes, muralhas minhas,
Já não (eu vos prometto) os nomes vossos
Conhecidos serão por outras Gentes.
Oh! que tristeza me cercêa o peito?
Que horror se reconcentra na minha alma?
Vossa promessa (eu desespero, eu ardo),
Numen ingrato, não me faz izenta
Dos agros dissabores, que hei soffrido.
Meu amado Camões, pomposo esmalte
Da gloria, do prazer da triste Lizia,
Que outr'ora lanceou meus hostes duros,
Tambem, ó Parca, me arrancaste aos braços.
Terno, terno Camões, meu filho amado...
Ah! tu inda me azedas a lembrança...
Tua memoria, teu sabêr, teu nome
Já mais se riscará d'entranhas minhas.
Elmano o filho meu, a imagem tua

Não te fez esquecer ; porém ao menos
A tua ausencia me adoçava immenso ;
Meus olhos , ai de mim , chorosos inda
Do estrago d'hum esteio á gloria minha ,
Dous mares me parecem . . . terno Elmano ,
Terno Elmano . . . . ai de ti . . . á pouco estavas
Na paz , na quietação , na flor dos annos.
Nas minhas palmas , qual em trono augusto ,
Hum franco assento te offertei mil vezes ;
Mas hoje . . ai de mim triste . . morte . . sonho . .
Ceos . . . Jove . . . que digo . . . Aves das trevas . . .
Fantasmas do pavor , meus socios sede.
Mas . . . misera de mim ! . . . em fria terra ,
Em pouca , e fria terra Elmano pousa.
Pezada campa a meus gemidos surda ,
Os restos guarda do infeliz meu Vate ;
A Deos , soberba , ufana , ó gloria minha ,
A Deos utilidade , a Deos p'ra sempre.
Em minha fraze já não tenho , ó morte ,
Como Elmano hum author , que alheas frazes
Modifique , e transforme , e mude , e ajuste.
Nas Cortes de Gradivo o grande Elmano
Co' a ferrea adaga defendeo-me os louros ,
Como o meu bom Camões , alem dos mares
Bizarro se mostrou nas tropas minhas.
Firmes esteios elles ambos forão
Da honra , e gloria com que em todo o Globo
Inveja das nações hei campeado.
Tanto bem , bronzeo Ceo , desemparou-me ,
Deixando em seu lugar tristeza , e pranto.
Eterno luto trajarei em honra
Do quanto me serviste em armas , letras.

Nos dias em que mais doces prazeres
Meu agro coração dulsificarem,
(Se houverem dias taes, que não dezejo),
Nesses dias então, mais de mil vezes
De ti me lembrarei saudosa, e afflicta.
Nesse Templo sagrado, onde os teus restos
Gozão a paz da sepultura muda,
Em continua vigilia eu mai, eu tudo,
Meus dias ralarei curtindo magoas.
Nas margens do Cocito horrendo, e feio,
Lá te observo rogando ao velho hirsuto
Pr'a os Elisios jardins passagem tua,
Queirão Monarchas tres lá dar-te entrada. „

Alento ó Lisia te sufoque as dores;
Junto a Camões o encantador Elmano
Da Justiça aos tres Reis a fronte aplana;
Estanca as mágoas, o teu pranto, e luto,
Elmano triunfou, lá ri, lá folga
Nos ridentes jardins; exulta ó Lisia.

O HEROISMO FEMENINO.

La Jeunesse est une ivresse continuelle; c'est la fievre de la raison.

Roche. Max. 279.

De Marilia, Fileno, Aonio a sorte
Com choroso pincel, mortaes, debuxo.

GRaças aos Numes! (desta sorte Aonio
N'hum bosque antigo á solidão bradava)
Graças aos Numes! já o socio escuto
Da solitaria noite o infesto Mocho;
Já vem chegando a preguiçosa sombra
Do dia offuscadora, ao dia opposta.
Lá vejo ao longe, por aquelle cume
O bom collono retirar-se ao colmo;
Alem fumega do pastor Francegio
O risonho Tugurio, aquelle prado,
Que d'antes verdejava, eis já cuberto
De pavorosa noite; o Ceo que d'antes
Rir-se mostrava pr'a os creados Entes,
Eis carrancudo já, já borrascoso;
O Trovão, que callado ao mundo dava

Prazer, e quietação, eis estrondêa
Ao Globo dando inquietação, tristeza.
Eis da Esfera em-sombrada as portas quatro,
Cheias d'hum fogo roxo, patenteão:
De Jove o Trono, tonitruoso Empireo.
Tristes os homens, que tragedia horrivel!
Com preces curvas suspender intentão
D'Eleeno o braço que dardeja os raios.
He terrivel, ó noite, o teu aspecto,
E as negras sombras, que te seguem hoje,
Mais horrida te fazem, mais inferno;
O sangue se me gella ante o teu rosto,
Mas o Alado me amorna o que tu gellas.
Entes irracionaes, racionaes entes
Me abandonão no horror, que a noite afêa,
Só amor me acompanha, amor me anima,
Só eu no meio de tormenta tanta,
Pallidas faces não amostro ao medo,
Arrostro impavido imminentes males.
D'amantes forças animado o peito,
Por entre as sombras da horrorosa noite,
Com ancia busco por cerrados bosques,
Dos meus cuidados o adorado objecto,
Que terna aos votos meus hoje assentindo,
D'amor me prometteo gostoso nectar.
Que delicias gostar minha alma espera?
Delicias porque anhela o mesmo Jove...
Mas eis... que sinto?... certo não me engano,
Não longe sinto amiudados passos,
Que pr'a estes mesmos sitios se encaminhão;
Hes tu, Marilia = espera, insano espera,
Que em breve tempo te dirá meu braço,

Não só do ferro, mas da morte armado,
Se quem te busca neste sitio agora,
He Marilia em amor por ti ardendo,
Ou teu rival em furia, e raiva acceso. =
Que escuto? ó Ceo! que voz ameaçadora
Não menos me promette do que a morte?
Mas valor me avigóre os laxos membros,
Aos timidos jámais a sorte ajuda. =
Quem hes traidor ousado, que assim fallas,
Que assim te arrójas com furor insano,
O silencio rasgar destes lugares,
Destes lugares em que o horror só vive? =
Eu sou o teu rival, eu sou Fileno:
Ou me has de conceder perpetua posse
Dessa ingrata, que adoro, ou teu verdugo ...
Ou victima serás das furias minhas,
Ou victima serei das furias tuas.
Eis qual o touro, que esporeão raivas,
Corre contra o amante o audaz Fileno.
Froxa Lucina não preside ao feito,
Cores mais negras a procella horrendá,
Neste instante fatal trajou medonha.
Raivosos os rivaes, sanhudos ambos,
Com estimulo igual se encontrão, lutão:
Estruge o bosque ao encontrão primeiro,
E proprio a crimes, o arvoredo muge:
Assustão-se os rivaes, os dous se assombrão
Do valor, que reluz nos pulsos d'ambos.
Mas não se libra á sanguinosa luta
Por longas horas, decidio-se a sorte
Por hum dos dous rivaes, por ti Fileno:
Adaga, que te luz na dextra airada,

Arranca a vida a teu rival acceso.
D'horror ao crime, o malfeitor se esconde
Por entre o bosque, confundir-se julga
Com qualquer sombra, qualquer tronco delle.
Aos magoados ais, finaes arrancos,
Que inda exhalava o moribundo amante,
Assustada Marilia, attenta o ouvido,
Marilia, que a cumprir promessa vinha.
Não corre mais veloz, mais enraivada,
Hircania Tigre, se ouve acaso as vozes
Da tenra prole, que co' a morte luta;
Quanto Marilia fiel d'amor fervendo,
Accesa em turbilhões d'accesa raiva,
Ao fatal sitio com destresa vôa.
Vê o amante a expirar, morrer por ella,
E logo (qual o javalí settado),
Os olhos accendendo, o bosque indaga,
Armada d'hum punhal de pont'aguda.
Por entre a escuridão, cerrada, opaca
O impio malfeitor, raivosa inquire;
Elle o vê... ella vê seu feito iniquo,
E c'hum valor d'heroes sempre invejado,
O ferro ensopa nas entranhas negras
D'atro assacino, d'homicida horrendo.
C'hum aspecto ao depois, que os Ceos encanta,
O exito infeliz do amante chora,
Cujo corpo, já neve, ella sepulta
Proximo ao tronco d'hum cipreste idoso,
No qual piedosa escripta em dor desfeita,
Com o ferro agudo consternada entalha.
„ Aqui jaz de Marilia o fiel amante,
Por fado escuro, por escura sorte,

Amor teve-lhe amor em toda a vida ;
Por vinte vezes por milhões de vezes ;
Permittio-lhe o beber do doce nectar,
Que a poucos amor dá, promette a muitos.
Espéra ó caminhante, e lê, e chora
Nas frias cinsas do meu morto amante. ,,
to escreve Marilia, logo ella grava
o tronco desigual d'arvore amosa.
Depois co' ferro, que provou Fileno,
si se rouba d'adoravel vida ;
orças não teve de passar com ella
lem do dia, que o amante olhara.
Neste quadro, mortaes, attentos olhos :
tiranno, o cruel não dorme, vella,
n vosso damno mil cabalas urde,
risonho ao depois se mostra o fero.
Feliz o mundo se não desse ouvidos
A' fallaz expressão, manhosa delle ;
Se ás xaras do cruel não desse o pelto,
Talvez que então Dardania desditosa
Não dera ao Grego o formidavel collo.

ELOGIO

AO FAUSTISSIMO NATAL DE S. A. R. A SERENISSIMA S. PRINCEZA DA BEIRA.

Maintenant je respire . . .
Favorable succès ! . . .
Molier.

RAsgando a nuvem d'horrida procella,
Que os Ceos de Lisia denegria horrenda,
De Jupiter das mãos (ditoso throno!)
De Jupiter das mãos lá se deslisa,
Fulgida Aurora de mil bens astrosos.
Succede á negra, á quadra luctuosa,
A quadra, que aos mortaes rebenta em flores,
O Sol, brilhante Sol, Monarcha d'Astros,
Mil settas d'ouro sopesando assoma
No lustroso horisonte, em que a desgraça
Em ferreo carro sanguinosa errava,
E dava plumbea luz ao Luso Throno,
E que a não ser Maria, a Mai dos Póvos,
Talvez ... porém que scenas mais brilhantes
A meus absortos olhos correm, fogem?

Lisia, dos Evos frontadora altiva,
Vicejas com prazer, remoças, vives,
Reinado dos Jozes em ti rebenta.
O Lisia parabens: Affonso exulta,
Teu Neto olhos em ti, nos Ceos os olhos,
Já segue os passos teus, já Ceos escuta:
Carlota, a sempre digna alta Carlota,
Aquella, que d'avoenga, immensa Rama,
Chora os pobres, á sombra honrada, illustre
(E nobreza, que cede a Jove apenas)
Aquella, que a Elisia, ao mundo he astro,
Motiva hoje o prazer, que o mundo arrêa:
Bramem na terra os tumidos castellos,
Bandeiradas no mar mil náos re-bramem.
Entre a falange de modestas damas,
Que te ladeão, divinal Princeza,
Teu collo altêas, de mil astros digno,
Bem como Delio na Região dos Astros.
Tua puresa, magestade, e Graça,
(Dons mais gratos a ti, que o mesmo Solio)
Dá nos olhos dos Ceos, hum Deos altera.
Puniceas Rosas sobre ti, ó Lisia,
Mil chuveiros de dons te manda o Nume.
Elisia folga, como foste hes hoje,
Hum Numen te estimou, te estima ainda.
Portugal, Portugal, ditosa Plaga,
Viste louvor aos Ceos! n'hum dos teus Campos,
O Senhor das Batalhas, dos Combates,
Em abono do Rei, que Ismar derrota.
D'hoje em diante tu verás sem medo,
Negra Desgraça retorcendo a boca,
Cuspir medonhos, carrancudos damnos.

Princesa augusta (novedío amavel
De Carlota, e João viçoso ramo,
Do prisco honrado Bragantino tronco),
Faz em ti renascer mais gratas flores.
Tanto te deve Portugal Carlota!
Braços estendes, carinhosa acolhes
A' aquelle, que sequer vislumbre imita
D'altas virtudes, que dos Céos trasladas:
O grande exemplo, que tu dás constante
A aquelles, que te estão tambem sugeitos,
(Mas sugeição de flores, não d'abrolhos),
Allumia os volcões do crime horrendo.
Folgai ó Lusos, Successor do Throno,
O Ceo vos outorgou; terriveis tempos,
Em que o Iberio poder vos deo preceitos,
(Que inda vos dera se João * não fosse),
Ausentão-se de vós, folgai ó Lusos.
Tanto te deve Portugal, Carlota!
A ti, que a hum Semi-Deos adoças dias?
Hes quanto tem melhor o Throno Luso,
Tua alma he cofre, que resume tudo,
Tudo o que em seu louvor tem feito Jove;
As Graças, que mantém no corpo, n'alma,
São progenie do Céo, do Ceo são filhas.
Tem nella o Olimpo, quanto tem d'amavel,
Sem ella o mesmo Ceo talvez desbote.
Em paga, em recompensa, alta Carlota,
De quanto hes Boa, de quanto hes Sagrada,
E do quanto te deve o Solio Luso,

* O Duque de Bragança, que subio ao Throno Portuguez com o nome de João IV.

Nos Lisios fastos brilharás, Princeza,
Que Estatua em corações já todos te erguem?
Com pasmo o nome teu, do teu Esposo,
Annos vindouros ouviráõ; Infantes
Inda os mais tenros, saberáõ que fostes
Ambos crédores de Ministros, d'aras.
Aquelles dous, dirão, forão queridos
Dos Lusitanos, dos felizes Póvos.

ODE PINDARICA

OFFERECIDA AO EXCELLENTISSIMO SENHOR BISPO CONDE, REFORMADOR REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ETC. ETC. ETC. POR OCCAZIAÕ DA SUA CHEGADA A' MESMA CIDADE.

Se Tullio, aquelle Tullio estremecia,
Quando a fallar entrava no Senado,
Como louvar-te quero, Heroe Sagrado,
Sem que haja emmudecer minha Tallia?

Caminha Son. 48.

Estrofe 1.ª

A Lira eterna, que escutaste, Asopo,
Quando Cadmo, e Echiôn Thebas fundarão,

He hoje a lira, que arrogante pulso
Em honra deste Heroe, que Heroes crearão;
A grandesa do assumpto,
Famosos Vates mil se bem que espante,
Manda-me o Numen Leocadio * a cante.

Epod. 1.º

Corre veloz, omni-vagante Deosa,
A' conduzir do mundo ás partes quatro,
O que na lira canto;
Decorem todos fulgurante nome
Do Heroe condigno d'immortal renome.

Antist. 1.ª

Tu, que arrastraste pela terra dura
O Dardanio Varão, que o diga o Xantho,
Que o confesse o Scamandro, nunca objecto
Me deste á lira de potente Canto:
O bafo de virtude
Me sopra os pannos do alto Enthusiasmo,
Me afouta os mares a rasgar sem pasmo.

Estrof. 2.ª

Columnas d'ouro, que ó Memoria, lavras,
Dignos, prestantes só Varões merecem;
Só honrosas acções, virtuosos feitos,
Sordido Lethes, a teu mar não decem,
Famoso, sabio Numa,
Trajano teve tão nicante sorte,
„ E outros em quem poder não teve a morte.

* An quia Leocadio semper amata Deo?

Ovid. Trist.

Appollo he devedor deste Sobre-nome a Augusto, que lhe ergueo hum sumptuoso Templo junto á Cidade de Leocadia.

Epod. 2.°

D'Aulis embora cem Baixeis tremendos
Contra Dardania pavorosos surjão;
O Regio Pastor d'Ida
Faça ás mãos entregar da Parca horrenda,
Milhões d'Illioneos na feroz contenda.

Antist. 2.ª

Ao som da tuba, que trovão parece,
Correr aos Campos d'horrido Gradivo,
A romper os grilhões, que a Patria arrastra,
São dignos feitos do Mavorcio Arquivo;
Mas Musa á paz affeita,
Não canta Marcias Lides, perde as cores
Ao som terrivel d'horridos tambores.

Estrof. 3.ª

Não affrontar o miseravel triste,
Com ferrea face de soberba altiva,
Astrêa, he teu dever Monarchas, Póvos,
De tão santo dever ninguem s'esquiva;
Mas do solio dos astres,
Escutar, attender do pobre os gritos,
São dignos feitos dos Romanos Titos.

Epod. 3.°

Sim, Lemos immortal, ao rude o monstro
O ser consome, e lhe consome a fama;
Ao Heroe, que ama as virtudes,
Grata memoria de vindoura Idade,
Dá-lhe throno, e Docel na Eternidade.

Antist. 3.ª

Approuve aos Ceos, que a magestosa Elisia
Alem dos astros levantasse a frente,
Eis hum Affonso do Turbante açoute,

Surge, derrota mil Heroes valente.
A famosa Batalha,
Dos Mauros cinco Reis tu conta, Ourique,
E a crespa furia do feroz Henrique.

Estrof 4.ª

Desfralda os pannos ao Baixel veleiro,
O Gama ousado, nuvens estrangeiras,
Novas Estrellas, Hemisferio estranho,
Vê com assombro das Nações Guerreiras;
Neptuno em vão desprende,
Robustos ventos das medonhas covas,
Cheio de raiva das audacias novas.

Epod. 4.º

De balde Adamastor na escura noite,
De borrascas horrisonas cro'ado,
Prometta aos Lusos Pinhos,
C'huma voz de trovão medonhos Fados,
Dar-lhes campa nos mares empollados.

Antist. 4.ª

Mas onde corres, desvairada Musa?
Erraste 'o rumo? já perdeste o norte?
Volta de novo as sonosas vellas
De Coimbra ao Archonte illustre, e forte,
A' aquelle Heroe famoso,
Que he o Atlante da urgulhosa Athenas,
Aos Tamisis inveja, inveja aos Senas.

Estrof. 5.ª

Porém donde começo, ó Ninfa Illissia,
A seus daremos immortaes louvores?
Se com raro clarão no Heroe sagrado,
Iguaes re-brilhão as virtudes móres?
Nas ambas mãos lhe vejo

Chaves da Religião divina, e santa,
Chaves da Sciencia, que a Ignorancia espanta.

Epod. 5.º

Numen Thesalio, tu m'excelsa ao cume
Onde re-brilha da Memoria o Templo,
A fim de ver a prole,
A prole honrada deste Heroe famoso,
Digno dos tit'los, que desfructa astroso.

Antist. 5.ª

Que immensos Globos radiantes brilhão!
Que densas nuvens rabidas clausurão
Os sagrados portões ao vulgo inerte!
Estas muralhas, que soberba augurão!
A meus pasmados olhos,
Que immensos atrios! que padrões! que altares!
Que santo horror domina estes lugares!

Estrof. 6.ª

Que honrosos Gestos! que Varões sublimes!
Olhão-me attentos „ Eisaqui, ó Vate,
(Eu ouço a sabia, creadora Pallas),
O Templo Augusto, que Saturno abate;
Os Heroes eisaqui,
Que mais a Patria, que o Universo honrarão;
Por virtude, e saber s'eternizarão.

Epod. 6.º

Eis os nobres Varões, que ver anhellas,
De Lemos immortal famoso tronco;
Sob Docel honroso,
D'honrosa Eternidade o Templo afrontão,
E os grandes feitos do seu Germen contão.

Antist. 6.ª

Feliz a Patria, que lhe dera o Berço,

Novo Mundo; tu sim tiveste a gloria
De dar á Praga Lusitana, ao mundo
Heroe condigno de fulgir na Historia;
Mil virtudes sublimes,
Que prazer aos mortaes, aos Ceos tem feito,
O Trono erguerão no seu grande peito.

Estrof. 7.ª

A' voz do Marcio, pavoroso Buzio
Não veste brios, não maneja a espada;
Mas das sagradas leis tem rica a mente,
Que Alea promulga na Sazão dourada.
Com seus exemplos santos
Anima os sabios, allicia o rude:
Que tanto podes immortal Virtude!

Epod. 7.º

Porém . . . que sinto! . . . do Celeste alcaçar
Vortice iroso me arrebata ao mundo;
Com que assombro recordo,
O que ora vira! mente mente illusa,
Já que esteja não crê n'Athenas Lusa.

Antist. 7.ª

Parabens, immortal, augusta Coimbra;
Que dita immensa não te outorga a sorte!
Teus altos Torreões como rutilão!
Soão teus bronzes co' maior transporte!
Dias, luctuosos dias,
Que ausente Lemos, toleraste outrora,
Ficão bem pagos com revê-lo agora.

Estrof. 8.ª

Sim, ó Lemos, tu d'olhos nos Ceos fitos,
Tua alma, teus sentidos embriagas;
Teu braço bemfeitor s'estende, e vôa

Das plagas nossas, ás remotas plagas.
Olha em ti a mizeria,
Mimo dos Numes, e dos Fados mimo,
Contra a fome cruel escudo, arrimo.

Epod. 8.º

Se de Sec'los milhões o mundo honrasses
Com teu divino ser, mortal sagrado,
Que governasses juro,
Milhões de Sec'los com teu justo braço,
Os dous Cargos, que tens n'hum mesmo laço.

Antist. 8.ª

As vozes do prazer n'Athenas Lusa,
D'abobada, em abobada ressoão,
Com grato coração os seus alumnos,
Reitor, e Pai, contentes te apregoão:
Unanimes supplicão,
Ceos te concedão dilatados annos...
Mas ferremos aqui á lira os pannos.

O EREBO.

SEmi-Numen, que o ferro das Ciconeas *
Provaste eivadas, vezitaste o Reino **
Em que dia não ha, sómente ha noite,
Tempéra a teu sabor meu fraco adejo.
Os vastos campos, os virentes bosques,
Que ao longe verdejar alcança a vista,
Eis os virentes bosques, vastos campos
Dessa, que o nome de Campania arrenda.
Desta não longe se divisa hum charco,
Que torneão Ciprestes verde-negros,
Esgalhados alguns, mirrados outros.
Delle no centro re-fervendo as agoas,
D'espaço, a espaço respirar concedem,
Negros, horrendos turbilhões de fumo,
Que dourão vivas, rápidas centelhas;
Chocalheiras não são, nem são micantes,
Deste lago infeliz lodosas agoas,
Agoas turvas, mortaes possue com tudo.

* Eis as Ciconeas noivas, que cubrirão
Eivados peitos com ferinas pelles.
Felinto.

** Desce ao Tartareo, penetrando a terra,
A sombra Orfêa, e todos quantos vira,
Sitios récorda ...
Felinto.

Dellas o Averno se observa perto,
Antro d'enxofre, d'inflamadas fragoas;
Negras torrentes de vapor maligno,
Da horrenda boca rabido vomita.
Eis o caminho, que pro-seguem Sombras,
Quando das Sombras á morada descem.
Aquelles troncos, que o verdor não orna,
Estas, que nelles vês pousadas aves,
Humas já mortas, muribundas outras,
Essas, que ao perto negrejar observas,
Quentes almargens tudo, tudo he causa,
Tartarea exalação do Reino horrendo:
Esse, que for qualquer ser desditoso,
Que infeliz respirar seu bafo ingrato,
Morte ha de respirar, dar córte á vida.
Campinas estas nunca virão Flora,
O arrebento criar da vide, e Faia.
Sobre ellas só porém medonho alêa,
O carregado Inverno, ao curvo ahinco,
Do que esmaga entre as mãos medonhas sombras;
Noctivagos Estríges, pardos Mochos
Na densa cerração, neblina torva
Nutrem as garras, os famintos bicos.
Alta collina, que s'eleva aos Astros,
Do esquerdo lado se me offrece aos olhos:
Nas suas fraldas, que a manhãa não doura,
Ha turvas, chocas, lutulentas agoas:
Jalêa * alguma não sobr'ellas boia,
E nem mortal algum tambem as surca;
Só Charonte porém na barca longa,

* Especie d'embarcação.

Teve em sorte o cruzar tão negras ondas.
Seu corpo todo nú, sem nuvens olhos,
Dos Remos a levez, levez da Fusta,
Brevemente conduz milhões de Manes,
Que desta margem pállidos lhe acenão,
Já da lingua arrancando os oblos frios,
(Paga ao transporte deste mundo, ao outro)
Altos recifes lhe torneão ribas,
Que espessos torreões de nuvens cro'ão.
Algas não brotão nas torradas praias
Do horrendo parto do infeliz Erébo:
Nas cores, no grandor conchinhas varias
Nunca esmaltarão do Aqueronte arêas;
Cabello algum não tem da noite o filho, *
Frizão seus olhos com os olhos vivos
D'Ave, que aos pés do trovejante Solio
Dos Numes do Maior, rezide arreio. **
Inda, que seja pelos annos curvo,
Orna-lhe o corpo a robustez comtudo,
Aroxados vergões lhe enfeitão membros.
A' luz do dia não navega o Rio;
Nem de Cinthia ao clarão; só quando as sombras
Pelo imperio de Juno errantes marchão;
No mais alto silencio em que anda a noite,
Voz alguma não s'ouve, e só dos remos
O compassado som s'escuta ás vezes.
,, O' Charonte, ó Charonte, escuta os echos
Desta Sombra infeliz; eu trago o Náulon,
Transporta-me daqui ,, Eis o pedido,

* He sabido, que Charonte era filho do Erebo e da noite.
** He a Aguia.

Que envia o Mane ao sofrego Barqueiro,
Se dorme acaso lá marge opposta
A' que a Sombra infeliz primeiro piza.
Alveja ao longe no pavor das trevas
Exercito formal de Sombras alvas,
Que cançadas estão de supplicarem
Do charco ao Dono, que surdesa ostenta.
Pavoroso portão de eterno bronze,
Aos frios Manes dá caminho extenso
Ao lugar, que Plutão governa, e rege.
Quando nos quicios estrondêa a porta
(A' voz tremenda de Sumano altivo)
He choque horrendo de trovões medonhos.
Ouvem-se ao longo de milhões de passos
Crebros latidos, que rumia o averno,
Do Tri-gargante Alão das trevas socio.
Quadrados olhos, que vomitão fogo,
Quando cerra ao pavor da Ditea estancia,
Vigia astuto, cauteloso vélla,
Quando os abre porém, se nutre em sonhos.
Gorjal ferrenho, que re-ourição puas,
O grosso cóllo lhe rodea ousado:
Grilhão de ferro de fuzis quarenta
A' chave do portão lhe estreita as raivas;
De fogo irosas espadanas longas
A garganta feroz lhe manda aos labios,
Mal ouve os passos d'algum Mane infl'ice,
Que o Dite quer deixar, surgir ao mundo.
A côr da escuridão lhe veste a cauda,
E das trevas a côr lhe tinge o corpo:
Dentes ossuosos não lhe adornão queixos,
Mas dentes de metal, fieis ao Dono.

Alem assoma o pavoroso Pluto . . .
Do seu trono o docel macisso he ferro,
Que abrazados carvões cravejão sempre:
Lados, costas, fronteiras, tudo he fogo . . .
Manêa ufano na Região do enxofre
Sceptro de ferro, que lhe coube em sorte,
Quando o alto Peliôn montara a Ossa.
Na larga fronte lhe passeão trevas,
E trevas no carão tambem lhe vagão,
E a côr do imperio seu lhe cobre os membros:
Grossa Diadema, que lhe cinge a testa,
He da materia, de que a mai das sombras
Seu carro fabricou na vez primeira,
Em que a Esfera correo, no infante Globo.
Aras sem luzes tem Plutão erguidas,
Victimas torpes sacrificão nellas
Negros Ministros, como a treva negra.
A Orchestra, a cujo som s'entoão hymnos,
Dos miserandos são medonhos gritos,
Que do enxofre o rigor, dás brazas sentem.
O incenso, algalia, que se offerta ao Nume,
He o cheiro apestador dos calabouços.
Proserpina tambem, ó malfadada!
Ouve o som do trovão, que o averno estruge,
Ouve de perto os ais dos condemnados.
Mais á vante se vê quilombo horrendo
Onde os Abastres, do Senhor de Pluto,
Em vez de palha vivas brazas tragão.
Nodoa branca não tem nos largos lombos,
Mas a côr do carvão re-veste-os todos.
Plaustro ferrado lhes sopêa as furias,
E lhes faz desatar forçosos rinchos,

Quando o filho de Rhêa, o Rei das noites
Nelle passêa a Região dos mortos.
De montões, e montões de roxa flama
Róla o penedo o pállido Sisipho:
Sangue aroxado vomitando ao espaço, (bros...
Que o encosta ao peito, que lh'estreita os hom-
De repente o que he fralda da montanha,
Da montanha se torna em cume erguido,
E do celso alcantil, de Dite he força,
Que o pállido, infeliz de novo o rolle.
D'esse, que outrora assoberbara a estancia
Da ciosa Deosa, que governa o Iris,
E o fogo quiz roubar dos Ceos sagrados,
Para o barro animar, dár vida á Estatua,
Rotas entranhas, que rebentão sangue,
Figado amostrão, que enraivado Nébri
Co' pontiagudo bico alanha, e come.
Cresce, e re-cresce á proporção que ao monstro
O garrote infernal da fome atiça.
Horrida punição! castigo horrendo!
Do Throno ao lado do que rege as Furias,
Repousa hum tanque de cenosas agoas.
De crespas barbas, que o marfim parecem,
Hum livido Ancião mastiga os malles,
Que em tropel e tropel no lago o cercão.
Garganta esguia, que atra fome aguça,
Medonho o faz; tem consumido o corpo,
Que soto-postas tem do tanque as ondas;
Não cobre a polpa do seu braço os ossos,
Morte da treva irmãa tem nelle a effigie.
Terrivel sede lhe re-torra entranhas,
E a fome escassa o ser lhe garrotêa:

Tronco frondoso, que revestem fructos,
(Vistosos no exterior, no interno cinzas)
Sobre a cabeça do infeliz descança;
S'ousa a mão levantar á voz da fome,
Da carcumida mão se esquivão fructos;
Se anhella obedecer da sede ao brado,
Agoas s'esquivão dos sedentos labios.
Agoas avaras! avarentos pomos!
Corda longa este ordena: he Ocno triste:
Inda, que o Raio do Latoneo Moço
Não rompa a cerração da horrenda noite,
As mãos desse infeliz comtudo acertão
Na triste ordenação da grossa amarra.
Tanta corda se faz, quanta he tragada!
Tanques accesos em sulfureas chamas
De lado aquelle luz, tambem luz deste:
O clarão temeroso, que ali reina,
He do enxofre o clarão, que a raiva asopra.
Da noite as filhas tres, que apostão annos,
C'os annos, que o Universo em si carrega,
No recinto infernal tambem se nutrem.
Pejada roca jaz ao cinto d'huma,
O fuso aquella tem, thesoura estoutra.
O curto, o largo ser dos homens todos
Da thesoura fatal d'anneis depende.
Do fuso, e roca muito embora as Donas
Pro-longar dos mortaes dezejem dias,
(Se cabe hum gosto igual no peito dellas)
Atrópos quando quer lhes balda o gosto.
Por mais, que em fragoas de perpetua magoa,
Se torre este mortal, se torre o Globo,
Aos olhos chôro algum jámais lhes sobe.

Enxutas forão no verdor dos annos,
E enxutas hão-de ser, thé vir a nuvem
D'eterna confusão, toldar os astros,
Fazer reinar no mundo a eterna sombra.
Górgonas infernaes preparão pestes,
Os venenos temperão, que murmurão
Em grãos rios caudaes, que a terra infectão.
Ao Colono feliz os fructos murchão,
Idéas do amador constante burlão,
Da Consorte fiel constancia engelhão.
Qual roxa labareda tragadora,
Por todo o mundo re-assoprão guerras,
Habitantes fataes do Reino horrendo.
Dos lares paternaes arrancão Virgens;
A Thisbe fazem apagar os dias,
Que no Horóscopo seu luzião inda.
O braço de Terêo, de ferro armado,
A prole de Pandiôn manchou perverso:
D'Itis a mai, que he mai não já lembrada,
Ao Consorte cruel, presenta o filho.
Dos Lapíthas o Rei, falsario aos pactos,
D'huma roda veloz persegue os motos:
Com seguros grilhões lhe cingem membros
Crespos Ministros do Monarcha horrendo.
Movimento não tem seu corpo infl'ice
Senão mover-se co' mover-se a roda.
Em sombrio recanto (a prole ousada
Do robusto Agmenón, verdugo altivo
De Thóas infernal, maldito, indigno).
Em sombrio recanto o triste Orestes
Curvado geme, quer de noite, ou dia,
Os manes maternaes curtindo amargos.

Peristillo infernal he toda a estancia,
Em que late o Dragão das tres gargantas.
Igneos celindros, que reveste o fumo,
Lhe cercão o longor, largura cercão.
Della no fundo, em que crepita o lume
D'accesas fragoas, pelo enxofre accesas,
Sobre quatro Leões, que em brazas vivem,
Lamina bronzea se divisa erguida.
Base segura lhe re-escóra o peso,
Que arde toda em calor, em brazas toda.
Este he o altar mais lisongeiro a Dite . . .
Sobre elle vezes cem manêa o sceptro,
Silencêa os Dragões, confunde as Furias,
E faz a seu sabor lutar c'os Euros
O Tone de Çharôn no Orco * horrendo . . .

Nesta Estancia d'horror, de fogo, e brazas
Os mortaes vão viver, que não souberão
Hum momento sequer viver no mundo.

* Por Orco se deve entender a Estigia: porque este nome não só se dava aos infernos, e ao Deos dos juramentos, porém tambem competia a Plutão, a Estigia, ao Acheronte, ao mesmo Charonte, e até quadrava ao Cerbero.

EPISTOLA

A

MARCINA.

Rien, que la mort ne nous peut separer.
Molier.

DOs Ceos á face protestar, Marcina,
Que hum mago rosto, que hum semblante airoso
Não prova as forças do poder d'hum Nume;
Cerrando os dentes mat'rial confuso
As niveas faces, o rubim fogoso
De Beldade qualquer gentil, formosa
Suppor do Acaso producção sem tino;
Nos mesmos erros baquear se arrisca,
Em que hum demente baqueara certo,
Suppondo em Cinthia coruscante brilho,
Offuscador clarão da Claria Tocha.
Se o peso enorme de milhões de lustros
Nos firmes hombros o Universo ostenta,
He porque da bellesa em si nativa,
Esgota o vaso productor d'encantos.
Tem vida, sem viver lustrosos dias,
O Pallido mortal, que face a face
Não vira o rosto da bellesa maga;

Seus dias, certo, são medonhas noites,
Irmãos estreitos da medonha campa.
O dourado praser, fastosas ditas,
Que orna-lo julga de festões de flores,
A propria essencia do amargor re-vestem.
Antes meus olhos de mostrar ao brilho,
Ao fulgurante Sol d'hum grato rosto,
Desditoso de mim! meu ser em tudo
Parecia-se ao ser d'hum tronco, ou rocha.
O mundo, que hoje se m'antolha em trajes
Dignos d'inveja ao rescendente cravo;
Com falças côres me illudia outrora:
Suppunha em fim, que os animados Entes
Mirravão-se d'inveja á sorte minha,
Pois não julgava, que o Senhor dos Raios
Tinha dado aos mortaes, d'amor os premios;
Que huma existencia de pavor sómente,
Era quanto o altó Ceo cedia aos homens.
Porém ó troca! fulgida mudança!
Quam differente se m'antolha o mundo,
Os Ceos, a natureza, os homens, tudo!
Parece-me surgió d'hum novo nada
Novas Estrellas, outro Sol mais claro;
Que aos Elementos ordem nova abrange;
Que a flórida Estação sómente impéra,
Com sceptro de jasmins, ao mundo a face;
Que a pávida Estação, que os troncos mirra,
Que os torna seccos, Esqueletos hirtos,
Outro Hemisferio demandara triste.
Gentil Amada, sim, desde esse dia,
Desse dia em que vi os Ceos n'hum ponto,
Em que a dita, o prazer d'olhar-te obtive,

Succedeo-me outra vida, á vida antiga.
Meus magros dias, de palôr croados,
Em dias de prazer se converterão.
Dezejei mesmo então ser ... (tu perdo-a
Esta minha expressão, gentil amada),
Dezéjei mesmo então, que a essencia tua
Fosse huma essencia co' a essencia minha.
A teu lado tambem (quanto ceguei-me!)
Existir anhellei por longos tempos;
Comtigo repartir, e tu comigo
Dos prazeres, que amor ... tu me percebes ...
Dezejei, cubicei, que as cinsas nossas
(Despois, que a Parca nos talhasse os fios)
Na mesma sepultura a paz houvessem;
Pois que até suspeitei, que neste sitio
Neste asilo de paz, socego eterno,
Não nos era defeso amor ... seus premios ...
A quanto arrastra o Deos fachi-potente
Sensiveis corações, almas sensiveis!
Jurei logo por ti soffrer o peso
(Doce peso porém se grata fores)
D'huma accesa paixão, que em breve ás margens
D'horrida campa arrastrará meus membros.
Outra Marcina não verei na terra;
E se subir aos Ceos me fosse dado,
Outra Marcina nem nos Ceos achara.
Mas tu tambem nem mais fiel amante,
Nem mortal, como eu sou, no mundo encontras.
Os Ceos escutão meus ardentes votos,
Se perjuro os quebrar os Ceos me punão.

EPISTOLA

A

JOZINO.

Saiam desta alma triste e magoada,
Palavras magoadas de tristeza.
Cam. Eleg. XX.

JOzino encantador, brilhantes astres
Os azulados Ceos te choyão meigos.

Prole da escuridão viperea Furia,
Desde essas noites, nas entranhas minhas,
Entranhas sem callôr me afferra os dentes,
As sanguinosas, truculentas garras.
Os accintosos, malfazejos Fados
D'entre os meus braços te arrancarão duros,
Duros aos braços teus tambem me arrancão.
Tristonho o dia se me antolha horrendo,
No entristecido, funebre Horisonte:
A noite, a socia das sepulchreas aves,
De cyprestes mortaes a socia noite,
He campo aos meus prazeres, que arremedão
Das frias campas aos prazeres baços.
Nas horas em que Icélon pelos ares

Meigo esvoaça, socegado alêa;
Nas tristes horas em que Espectros negros
Vagão sósinhos taciturnos ares;
Pelos medonhos ares da tristeza,
Aos pensamentos meus desfraldo os panos.
Dorme todo o Universo: o Rei Potente
Damascos por Docel, se cinge ao somno;
O androjoso Aldeão no lento colmo
Membros estira, que o labôr cançara.
Dorme todo o Universo: e só teu Vate,
Fitos em ti seus pensamentos tristes,
Esquiva os olhos á Morfêa vara.
Rumia a doce idêa (ah! já não doce!)
Desses instantes, que lhe deste ó sorte.
Fados, ó Fados outorgai-me hum' hora,
Que imite ao menos as defunctas glorias...
A Musa, a socia minha, entristeceo-se;
A lira pendurei n'hum torto esgalho,
Lira, que te alegrou, que alrota os Zoilos,
Que alrota as tubas cem da fama errante,
Que os risos de Senî, mais nada préza.
Mas inda bem, que da Memoria ao Templo
(Perdoa esta expressão, que os Ceos não culpão)
Não me podem roubar; pra mim não dormes
O' charco do silencio, ó Lethes mudo;
Que arrepeadoras, pavorosas Furias
Arrogante affrontei, da magra inveja.
Prendas, e dotes se nos outros olho,
Prendas, e dotes reverente adoro,
E progenie do Ceo supponho-os sempre.
Hum' coração, que o trovejante Olimpo
Ama, e respeita, que os re-tortos raios

Castigos julga do tremendo Tudo,
Enche o meu coração, m'espanca as furias,
O negrume, o pavor, que em ferreo calis
Bebo espontaneo, thê de Clario em vista.
Teu grande coração (não he lisonja)
He d'esta estofa, encantador amigo.
Mal te vi, tu me crê, vi n'hum só ponto
Da idade d'ouro os corações famosos:
Tua conversação captiva, assombra,
E entre mil dotes, que dos Ceos herdaste,
De ser amigo o ser capaz te doura:
Quando te fallo assim, aos Ceos me acurvo:
Pois preceito he dos Ceos louvar virtudes.
Vive feliz; que nos vindouros Evos
Na historia vivirás; n'hum mundo inferno
He quasi hum Semi-Deos viver sem nodoas.
Consola o amigo teu; d'entre os horrores
Do Fado avesso, que o tornêa enxuto,
Faz rebentar hum Sol; as letras tuas
O fel temperárão dos plumbeos dias,
Que n'hum Ceo de trovões me arraião sempre.
Vive feliz; das mil ridentes Lidias,
A largos sorvos as caricias bebe.
E se algum dia te lembrar o Vate
Dize comtigo ,, ó Fados sois injustos:
Ovidio não merece o ser tão triste. ,,

OS DOZE DEOSES.

Saturno.

DO Ceo, da terra producção primeva,
Reinou Saturno como Deos primeiro;
He o Deos do Tempo; recurvada fouce,
Serpe, empulheta o differença inteiro.

Jupiter.

Escapo ás furias d'avidez Saturnia,
Jove legisla a Região d'Estrellas;
Faz roncar os trovões, accende os raios,
E rege as chaves das fataes procellas.

Febo.

Em d'ouro Plaustro recostado Febo
Por quatro Flégons iguaes tirado,
Gira hemispherios; dá lugar á noite
Quando volve a quadriga ao mar salgado.

Bacho.

Do cacho protector, por mãi Semelle,
Caro aos Egipcios, a Penthêo funesto,
Meigo ao Tirso, ao Tonel; ser este, ó Bacho,
O teu retrato singular, attesto,

Mercurio.

Deos da Eloqüencia ser, ladrões, e nuncio
Do Deos maior, do Caducêo patrono,
D'azas na fronte, e pés, propicio a Marte;
Deste retrato, tu Mercurio, és dono.

Neptuno.

Esbroado o Peliôn, de Vesta ó Prole,
Coube-te em sorte o legislar os mares;
A teu sabor as tempestades rpncão;
Tens hum Tridente, dous cavallos pares.

Plutão.

Deo-te, ó Plutão, o indesmanavel Dicteo
(Centi-braçudo Egiôn caballa urdindo)
A bronzea chave dos portões do averno,
D'evenea crôa tambem fez-te o brindo.

Cibelle.

O Disco, a chave na cabeça, a torre,
Sempre de flores o vestido ornado,
Coche, e quatro leões, propicia ao Pinho,
D'outras, ó Rhêa, te diffrença o Fado.

Ceres.

A agricultura professava Ceres;
Tochas no Etna accendeo catando a filha;
Foi aos infernos; com setoura curva,
Papoula, espigas, e croada brilha.

Juno.

Tiveste em sorte, ó Juno, o ser Rainha
Dos Deoses todos, sendo irmãa, e esposa:
Teu amor proprio foi funesto aos Teucros,
Pavões, e coche tens tambem, ciosa.

Diana.

Oh! como hes bella, divinal Diana,
Castidade, e pudor teu peito acêa:
A caça te he prazer; tens plaustro, e çôrças,
Aljava, e meia lua emfim te arrêa.

Venus.

Deosa Amathóntea, teus reaes indultos
Era do meu sabor tambem doura-los:
Porém os risos teus, as graças tuas
Sei, ó Deosa, gozar, mas não pinta-los.

QUADRA.

Que eu fosse emfim desgraçado,
Escrevêo do Fado a mão;
Lei do Fado não se muda;
Triste do meu coração.

GLOZA.

1.ª

TAnto que por vez primeira,
Vi de Febo os resplendores,
Do Fado, o Numen d'amores
Desce á gruta de carreira:
Huma sorte lisongeira
Me pedio, amor ao Fado:
Mas ai de mim! malogrado
Foi o rogo de Cupido...
Fado tinha decedido,
Que eu fosse emfim desgraçado.

2.ª

Sahe da gruta, ardendo em fogo
O Deos, que rege os farpões:
Esperando occasiões
De me approveitar seu rogo:

Aos Olimpos vôa logo,
Fervendo em negra afflicção:
Patentêa a Jove então,
Que eu seria desgraçado,
Que assim no livro do Fado
Escrevêo do Fado a mão.

3.ª

Amostra Jove a Cupido
Hum semblante gracioso,
Despois de ao Numen raivoso
A'tras queixas ter ouvido,
„ Eu não posso, ó Deos de Gnido,
(Diz-lhe o Deos, que tudo estuda)
Mudar sorte carrancuda,
Em sorte amiga, e lustrosa,
Lei do Fado he lei forçosa,
Lei do Fado não se muda. „

4.ª

Em vão forcejas, ó Nume,
Por adoçar minha sorte;
Heide beber thé á morte,
Do Fado o negro azedume,
Terei a dôr por costume,
O mal, a mágoa, a afflicção,
Sociedade, ou solidão,
Não terá gosto pr'a mim,
Determina-o o Fado assim.
Triste do meu coração.

LIRA

A

ALCINA.

EM todo este monte
Não vejo hum Pastor,
Que seja, como eu,
De tanto senhor.

Cuberta de colmo
Tenho huma choupana,
E as suas paredes
São feitas de cana.

Minha cama he feita
De feno macio;
Com elle me embrulho,
Quando tenho frio.

Serpêa hum regato,
Em torno ao casal,
D'huma agoa tão pura,
Que he mesmo hum cristal.

Eu tenho hum gadinho
De vinte ovelhinhas,
Que pascem nos valles
Viçosas hervinhas.

Tambem hum campinho,
Que trago amanhado,
Faz huma das partes
Deste meu morgado.

Tambem tenho ao canto
Da minha morada,
Huma sanfoninha,
Muito delicada.

Quando nos outeiros
Meu gado apascento,
Canto o meu versinho,
Ao som do instrumento.

Quando chega o tempo
Da calmosa sesta,
A' sombra me abrigo
De grata floresta.

Nas noites do inverno
Sentado á fogueira,
Tocando a gaitinha
Passo a noite inteira.

Ah! formosa Alcina,
Talvez, que m'invejes:
Talvez minhas ditas
Cubices, desejes:

Mas como te enganas?
A minha ventura

Não tem, como a tua,
Tanta formosura.

Choupana, e gadinho,
Grata sanfoninha;
Eis toda a fortuna,
A ventura minha.

Mas tu tens, Alcina,
Mais alto poder:
Tens hum rosto lindo:
Que mais queres ter?

Hum rosto tão bello,
Como o que tu gozas,
Os jasmins invejão,
Invejão as rosas.

Em todo este monte,
Em toda esta serra,
Não achas, do que eu,
Quem tenha mais terra.

No monte em que habitas,
Eu não acho, Alcina,
Quem, como tu, tenha
Face tão divina.

Se os Ceos nos juntassem,
S'elles nos unissem,
Embora as invejas
Contra nós bramissem.

Soberbas, ufanas
Embora as ribeiras,
Então me estragassem
Tenras sementeiras.

O trovão embora
Sobre nós roncasse;
Juro pelos Numes
Nos não assustasse.

E em quanto os Pastores,
Com medo dos raios,
Cabanas deixassem,
Dados aos desmaios;

Nós ambos sósinhos,
Ao prazer ligados,
Gosara-mos somnos,
Pelo Ceo mandados.

Depois, quando a morte,
Com a fouce curva,
Nos tornasse a face
Pavorosa, e turva.

Huma mesma campa
Sobre nós pezara:
Huma mesma terra
Ambos nos tragara.

IDILLIO

Amor triunfante.

APenas resuscitava
N'abobada astri-lustrosa,
Aos viventes agradavel,
Fresca manhãa côr de rosa;

Fileno, gentil mancebo,
Esméro da natureza,
A choupana, herança patria,
Deixava com ligeireza.

Hum cerrado, espesso bosque,
Que a choupana torneava,
Era de todos os bosques
O bosque, que mais presava.

De flexas, e d'arco armado,
(Armas, que sempre o encantarão)
Consumia inteiros dias,
Nas selvas, que o enamorarão.

Apenas, ó Mãi das sombras,
Em teu coche triunfante,
A Febo succeder vinhas,
Patrocinar o amante;

Os seus fatigados membros,
Em brando leito de feno,
Espreguiçava, contente
Da sua sorte Fileno.

Mas ah! Deos setti-armado,
Aos viventes he forçoso,
Quer cedo seja, quer tarde,
Curvar-se a teu jugo odioso.

Encanecida exprienda,
Tu não valles contra amor:
A razão, virtude he sonho:
Nem a mo[illegible]em vallor.

As cinzas, as mesmas cinzas,
No fundo da sepultura
Tomão callor, e revivem
Ao toque da farpa dura.

De Marte tu viste, ó filho,
Risonho, alegre Fileno
No leito gostar hervoso,
O dom de Morphêo sereno.

Tu cruel viste-o sem ti,
No tosco, campestre lar,
Premios da Deosa Pomona,
Sem saber de ti, gosar.

Deixas veloz, d'improviso
Teu Idallio altar sobrano:

De veres isento fremes
Dos laços teus este humano.

Eis traição, cillada astuta
Urdes, teces furioso;
Eis seus gostos envenenas,
Com o teu fel amargoso.

Quando Fileno contente,
A cabana demandava,
E a negra noite o seu manto
Pelos ares desdobrava.

No ámago d'antiga selva,
D'atras sombras abafado,
Sem signaes, de que eras Numen,
T'encontras com o desgraçado.

Esfregas os turvos olhos,
Que são perennes correntes;
E lhe dizes, affectando
De palavras innocentes.

„ He já noite, estas campinas
Desertarão os Pastores:
Perdem o brilho, e se curvão
Bellas, e fragrantes flores.

O meu gado, coitadinho!
Bem proximo áquella fonte,
Balará, temendo os lobos,
Que infestão todo este monte...

Sou infeliz, desditoso:
Infesta Estrella inimiga
Presidio ao meu natal,
De mãos dadas com a intriga.

Que farei nestes desertos?
O' Deoses, Deoses tyrannos!
Nestes desertos medonhos,
Nunca vistos dos humanos!

Que farei? tornar pra'o gado?
Não atino com o caminho:
Ir pr'à casa? o Pai me açouta,
Se não levar-lhe o gadinho.

O' Senhor, por vida sua,
(Diz a Fileno, que o escuta)
Tenha compaixão de mim,
Não me mostre a face enxuta.,,

Eis Fileno, como louco
Pela criança fagueira,
Ao collo nella pegando,
Lhe falla desta maneira.

,, Eu tenho hum peito sensivel
A's desgraças, ao queixume:
Quando encaro o mal alheio,
Subo da tristeza ao cume.

Diga-me, menino, aonde
Lhe parece estar o gado?

Aponte com o seu dedinho,
Desta selva pr'aque lado? ,,

Forão andando, e despois
Lhe pede o menino hum bejo:
Não quer o insonte Fileno
Saciar o seu desejo.

Torna a pedir com mais preces,
O suspirado beijinho:
,, Não temas, que sou menino;
E o meu beijo he mui docinho. ,,

Logo, á força, e com violencia
Delle nos labios o crava:
Foi tão doce, que Fileno
Por vontade já lhos dava.

Vendo, que tinha vencido
Do bom Pastor a dureza,
E que sua alma já stava
No seu facho esperto accesa.

Salta dos braços, e diz-lhe,
,, Ah! que illudi-te mortal;
Eu não sou Pastor, nem homem,
Sou Amor, sou immortal.

Raivoso de que inda houvesse,
Quem resistisse ao poder,
Das minhas xaras, que a Jove
D'amor fizerão morrer.

Envenenei-te, os prazeres,
Os teus prazeres gostosos:
Estás ferido com as settas,
Com os meus farpões lustrosos.

O teu campezinho alvergue
Hasde aborrecer agora:
Será Sombras infernaes,
Para ti a fresca Aurora.

O meu inferno o Ciume,
A quem viviráś sugeito,
As suas sangrentas garras
Cravará sempre em teu peito.

Isto dito, o Deos das seftas
Foge, e deixa só Filento;
Que mudo lamenta, e pensa
Na fallacia do pequeno.

Eis a seus olhos já brilha
O acceso facho d'amor:
Eis no peito já lhe ferve
Ciume devorador.

O' mortaes, mortaes tremei
Dos affagos de Cupido:
Cupido he máo, he traidor,
He cruel, he fementido.

Destes meus versos no espelho
Todos nos podemos vêr:

O que a Fileno succede,
Nos póde bem succeder.

IMPROVISOS.

1.ª

Marilia, ficão bem pagos
Todos os nossos cuidados,
Se temos em paga delles
Instantes afortunados.

2.ª

O' Throno, tu não produzes
Mais, que instantes desgraçados:
Amor, tu geras os risos,
Instantes afortunados.

3.ª

Marilia, embora o Monarcha
Reja mil feros soldados:
Elle não, nós possuimos
Instantes afortunados.

4.ª

No seu Tugurio o Colono
Gosa mil dias dourados;
Bebe por mãos da innocencia
Instantes afortunados.

5.ª

Ao Cidadão lá na Corte,
O Brinco de mil cuidados,
Em sonhos nem apparecem
Instantes afortunados.

6.ª

Ao Colono almos Pombinhos,
Pelo terno amor ligados,
Mostrão o Ceo de Cupido,
Instantes afortunados.

7.ª

Se a Fortuna lhe procura
Dar instantes invejados;
Amor inda mais lhe adoça
Instantes afortunados.

8.ª

Felices nós, ó Marilia,
Felices os nossos gados:
Elles gosão, nós gosamos
Instantes afortunados.

9.ª

Os mais Pastores invejão
Nossos ditosos estados,
Pois do Ceo d'amor nos chovem
Instantes afortunados.

10.ª

Nós ambos, Marilia doce,
Pelos amores ligados,
Mutuamente nos damos
Instantes afortunados.

11.ª

E depois, que pela Parca
D'alma formos separados,
Teremos na mesma campa
Instantes afortunados.

IMPROVISOS.

1.ª

AI de mim! natura toda
Troca-se em outra natura!
Tudo se troca! só eu
Sempre sofro a desventura.

2.ª

Do arvoredo este esqueleto
Traja pomposa verdura:
Minha sorte he negra sempre;
Sempre sofro a desventura.

3.ª

Marcou-me o natal infausto
Hum socio da noite escura:
Desde então ... que certo agouro!
Sempre sofro a desventura.

4.ª

Por mais, que o prazer pertenda
O dar ao meu mal doçura,
Nem assim ... Fados mais podem:
Sempre sofro a desventura.

5.ª

Ausente dos patrios muros
Que sorte tive? a amargura:
He assim, que o Fado, he Fado:
Sempre sofro a desventura.

6.ª

Quanto mais minha alma oppressa
Tyrannos malles atura,

Tanto mais, Fados de bronze,
Sempre sofro a desventura.

7.ª

Em quanto a Deosa da fouce
Não me der a sepultura;
Infeliz da Estrella minha!
Sempre sofro a desventura.

8.ª

Que asylo tão proprio ás dores
Se me antolha a campa escura!
Nella tem paz desgraçados:
Sempre sofro a desventura.

9.ª

Impio Ceo, aterma as preces
De tão triste creatura:
Por tua lei, lei de ferro,
Sempre sofro a desventura.

10.ª

Que meus crimes te obrigarão
A cingir-me a lei tão dura?
O meu crime hé minha essencia:
Sempre sofro a desventura.

IMPROVISOS.

1.ª

No alegre natal de Lilia
Rio-se a terra, e rio-se o Ceo:
Rio-se o Ceo, e a terra quando
A minha Lilia morreo.

2.ª

No mundo appareceo Lilia,
E a innocencia apparecêo:
Morreo no mundo a innocencia,
A minha Lilia morreo.

3.ª

Exulta, Esfera asulada,
Ganhaste hum novo trofeo:
Tens hum novo Astro mais bello:
A minha Lilia morreo.

4.ª

Milagre! a noite medonha
Em dia se converteo!
Quanto val d'hum Justo a morte!
A minha Lilia morreo.

5.ª

Coração, que amavas Lilia,
Já mòdera o choro teu:
Não para o Ceo, mas pr'a terra,
A minha Lilia morreo.

6.ª

Toda a graça da innocencia
De Lilia aos labios desceo;
Não como os humanos morrem,
A minha Lilia morreo.

7.ª

A minha Lilia na vida
Copiava as leis do Ceo:
Repetindo o nome aos Deoses,
A minha Lilia morreo.

IMPROVISOS.

1.ª

NEsta furna, que tornêio
Altos Ciprestes callados,
Vou carpir meu Fado austero,
Os meus dias desgraçados.

2.ª

Escutai, rochedo alpestre,
Da minha tristeza os brados,
Os ais, gemidos, que arranca
Os meus dias desgraçados.

3.ª

Eu invejo os vossos dias
Pela alegria dourados;
Curta, por lei da Desgraça,
Os meus dias desgraçados.

4.ª

Não forão de Marcias duras,
Duros peitos bronzeados;
Mas o Ceo cáusou-me os damnos,
Os meus dias desgraçados.

5.ª

Negra praga a negra Nórtia,
Vinda dos Reinos malvados,
Sobre mim lançou; tornou-me
Os meus dias desgraçados.

6.ª

Sobre o meu berço mesquinho
Descêrão males pezados;
Tive em patrimonio os danos,
Os meus dias desgraçados.

7.ª

Sombrios, desertos bosques
Pelo pavor habitados,
Agradão-me; e mais não querem
Os meus dias desgraçados.

8.ª

Murchão florentes collinas,
E murchão florentes prados,
Se os avistão, se os bafejão
Os meus dias desgraçados.

9.ª

Defecou-se aquelle tronco,
Asylo sombrio aos gados,
Mal nelle entalhei meu nome,
Os meus dias desgraçados.

10.ª

Pelas tres nettas da terra
Forão meus dias fiados:
Forão parto dos avernos
Os meus dias desgraçados.

11.ª

Mal no horisonte apparecem
Os Frisões accellerados,
Mais desgraçados se tornão
Os meus dias desgraçados.

12.ª

Felizes mortaes desfructão
Aureos dias engraçados:
Mas noites são os meus dias,
Os meus dias desgraçados.

13.ª

Já não receio, ó Nemésis,
Teus ferros assacalados:
Não podem ser mais terriveis,
Os meus dias desgraçados.

14.ª

Se lanço os olhos á terra,
Se os levanto aos Ceos sagrados,
Os Ceos, a terra mais damnão
Os meus dias desgraçados.

15.ª

Ah! se os meus dias, ó Fado,
Sempre hão de ser malfadados,
Torna, em quaes teve Lethéa,
Os meus dias desgraçados.

QUADRAS SOLTAS

A MARILIA.

BElla Marilia, o teu rosto
He ao de Venus igual;
No della há porém torpeza,
No teu pudôr virginal.

São seus olhos attractivos,
Marilia terna, he verdade:
Mas nelles brilha a luxuria,
E nos teus a castidade.

Algum mortal haverá,
Que goste dessa torpeza;
Mas são todos os mortaes,
Que s'encantão da pureza.

Que valeo a essa Venus,
Torpe ser, e ser formosa?
Negra nodoa da impureza
Manchou-lhe a face mimosa:

Ah! se huma Deosa, Marilia,
Pareceo nisto mortal;
Tu sendo mortal, pareces
Ter essencia divinal.

Que horrenda fama escurece
Desta Deosa a gentileza?
Mesmo Deosa, a Historia sua
Não lhe perdoa a torpeza.

Qual seria a Fama tua,
Sendo mortal tua essencia?
Patente a todos seria
A tua brutal demencia.

Mas se tu não hes, Marilia,
Em quanto a essencia Deidade,
Tens nas acções, quem te abone
Aos mortaes suprioridade.

Se á tua belleza Venus,
Unisse a belleza della,
Venus mais casta seria,
Seria Venus mais bella.

Mas os Ceos já mais entornão
Sobre hum só, seus cofres d'ouro:
Derão a Venus belleza,
A ti hum casto thesouro.

EPIGRAMMA.

Brabo! a Decima acabaste?
Confundiste os teus adversos:
Não está má: só lhe falta
Versos parecerem versos.

EPIGRAMMA.

Amostrou Lelio a Ferrazio
Tres sonetos, dos mais finos:
Diz Ferrazio, he pena os versos
Serem mais, que alexandrinos.

EPIGRAMMA.

Mereces altos empregos
Pelo teu alto saber:
Sabes tudo, e só não sabes
Contar, escrever, e ler.

EPIGRAMMA.

Diz Lelio, que a borracheira
Os justos Ceos não azeda?
Porque diz tal paradoxo?
Porque tambem se embebeda.

EPIGRAMMA TRADUZIDO.

Para dos versos meus riscar teu nome,
De que servem, Cotim, lagrimas, gritos?
Se anhellas evitar publico insulto,
Teu nome faz riscar dos teus escriptos.

EPIGRAMMA IMITADO.

P. Quẽ mais infeliz, que o pobre? R. He o captivo:
P. E mais do que o captivo? R. O moribundo.
P. E mais, que o moribundo? R. o infeliz amante.
P. E mais do que este? R. nada neste mundo.

EPIGRAMMA TRADUZIDO.

Com ditos mil, em vão tem trabalhado
Meus inimigos, por fazer-me odioso:
Hum caminho mais facil tem tomado
Em afrontar-me, Anelio ambicioso;
Qual he? os versos seus ter-me imputado.

EPIGRAMMA TRADUZIDO.

Tu dizes, que o teu Thio, o assacino,
Me curou d'huma horrenda enfermidade?
He falço: pois bem ves, que se assim fôra,
Já não fôra porção da Humanidade.

ODE ANACREONTICA.

EM prova, Megalia,
Da terna amisade,
Que há luas quarenta,
Nos une a vontade:

Na faia mais alta
Daquella ribeira,
Entalhei teu nome,
Tua firma inteira;

Amor, que escondido
Nʼhuma, Çarça estava,
Vôa áquelle sitio,
Que a fé assombrava;

Repara na firma,
Que o tronco enfeitava,
E hum farpão tirando,
Comsigo bradava.

„ De Megalia o nome
Nʼhum tronco escrevido!
Megalia, que zomba,
Do Numen de Gnido!

Os mortaes conheção,
Que o zombar de mim,

Só dá aos mortaes
Hum tragico fim. „

Disse isto e com a setta,
Que havia tirado,
Rabiscou teu nome:
E foi-se apressado.

Oh! demente amor!
Ficaste vencido;
Verás de novo inda
O nome escrevido.

Com efeito, amada,
Primavera vindo,
Teu nome no tronco
Foi-se descubrindo.

Em beve da Faia
Em cada folhinha,
Nome li, que o tronco
Entralhado tinha.

As proximas faias
Gratas tambem forão;
Suas folhas todas
O teu nome arvorão.

Conhece, Cupido,
Que a fidelidade
Zomba, e menoscaba
Tua devindade.

ODE ANACREONTICA.

BEm como a Séreja,
Do campo alegria,
Tem entre as mais fructas
Alta primazia.

Assim, terna Alcina,
Entre as mais Pastoras,
Da gentil belleza
O Estendarte arvoras.

Na mesma dureza
Do teu coração,
A Sereja imitas
Sem contradição.

Por fóra hes galante,
(De certo não erro)
Por dentro o que tens
Coração de ferro.

Por fóra he airosa
Tambem a Sereja,
Por dentro hum carôço
O seio lhe peja.

ODE ANACREONTICA.

N'Huma feia noite
Tenebrosa, escura,
Que a noite, mais feia
D'huma sepultura.

N'hum bosque cerrado,
Que o mêdo vaguêa,
Em que o pardo Mocho
Carpindo vosêa.

Entrei, linda Analia,
A chorar meus malles...
Eis que de repente
Tremêrão os valles.

De cavo rochedo
D'aspera caverna,
Em que seco vulto
Cauteloso inverna.

Huma voz surgio,
Que assim me dizia...
(Ah! que inda os cabellos
Ella me arripia!)

„ Tu debalde intentas
O' Filho do nada,

Que Analia formosa,
Seja tua amada.

Circundou teu Berço
Das furias o bando;
Sobre ti lançou
Agouro nefando;

O mundo que he Ceo,
Para alguns mortaes,
Para ti são penas,
São mágoas, são ais,

O Espectro callou-se;
Analia formosa,
Socegou do assombro
Solidão umbrosa.

Pequenino arroio,
Por então callado,
Correo como d'antes,
Pelo humido prado.

O som destas vozes
Inda me horroriza;
Inda o feio vulto
Minha alma divisa...

Ah! desmente, Analia,
Tão funesto agouro,
Que as Damas desmentes
Conheça o Vindouro.

ODE ANACREONTICA

AOS ANNOS DA GENTIL MARILIA.

HUm Templo parece
Toda a natureza,
Consagrado a Cipris,
Deosa da belleza.

Este seco tronco
Verdes folhas veste,
Hervinhas rebentão
Thé no Campo agreste.

Já turvo não corre
Aquelle ribeiro;
Mais cedo amanhece
De Cinthio o luzeiro.

Coáxão nos charcos
As Rellas contentes;
Nas arvores trinão
Mil aves cadentes.

Trazei, ó Napêas,
A' quadra das Rozas,
Cestinhos de Flores,
E das mais cheirozas.

Tenros cabritinhos
Dai á Primavera,
Que ós gêllos do inverno,
Em jasmins tempéra.

Muito te devemos,
O' Flora formosa!
Tu das quadras todas,
Hés a mais airosa.

Mas que escuto? ... ouçamos
A voz, que me falla:
Cujo écho riosnho
Nesta penha estalla:

„ Não he Deosa Flora,
O' mortal insano,
Quem cobre a natura
De matiz sobrano.

He Marilia meiga,
Causa d'alegrias:
Seus olhos as noites
Transformão em dias.

Inda á Mãi das flores
Não coube o momento,
De trazer ao mundo
O Favonio vento;

Porém de Marilia
Os annos já brilhão:
Annos, que altos Ceos
Contentes perfilhão. „

ODE ANACREONTICA.

Nos tempes d'Idalia
Nasce a vergonhoza,
Flor, que d'alma Venus
He mais cubiçoza.

Sim tu hes, ó Roza,
Quem vegeta tanto
Nos jardins ridentes,
De Cipris encanto.

Igual hes em tudo
A' minha Corina;
No cheiro, no pejo,
Na côr purpurina.

A Soberania
Que tens sobre as flores,
Tambem sobre as Deosas
Tem os meus amores;

Teus mesmos espinhos
Co'ella te afigurão:
Mas os teus se quebrão,
E os della se apurão.

ODE ANACREONTICA.

DUvidar, Megalia,
Que o liberal Ceo
Hum rosto te deo,
Milhor, que o d'Idalia;

Mesmo he que afirmar,
Que não tem grandeza
Quem a natureza
Criou c'hum olhar.

Mas juras compor,
Que o teu coração,
Maga sensação
Não prova d'amor.

Não offende os Numes
Megalia tyranna?
Pois que leda, ufana
Zombas dos ciumes?

Cerras teus ouvidos
A' minha voz terna;
Oppões-lhe huma lerna
De malles subidos.

Teus olhos brilhantes
Apartas dos meus;
Não sei como os Ceos
Te são tão amantes.

Jupiter se apraz,
Que todos humanos,
Sempre imitem Ihanos
Acções, que elle faz.

Elle em chuva d'ouro,
Por Dânae, mudou-se:
Tambem transformou-se
Em mallado Touro.

Tu acções lh'imitá,
Megalia formosa:
Teme a força irosa
Dos Ceos infinita.

FABULA ORIGINAL.

A RAM, E A SENHORA.

NAs margens d'hum turvo charco,
Huma certa Ram vozeava;
E cuido, que a mais esperta,
Que por alli se creava.

Huma Dama das que o Ceo
S'indigna d'ouvir o nome,
Que os dias, que as longas noites,
Em torpes feitos consome;

Passeava, convidada
Da noite pelo luar;
Proximo ao sitio, em que a Rella
Contente estava a cantar.

Mal hajas (lhe diz a Dama)
Mal hajas louca, demente:
Não sei como não te enfadas
D'esse canto impertinente;

Quem mais demente, que tu?
(Tornou-lhe a Rella enfadada)
Qual de nós ambas, ó Dama,
Vivirá mais enganada?

Eu de noite alegro os campos,
Com este roquenho canto;
E estes paûs me appellidão
Todo o seu prazer, e encanto:

O Lavrador quando á choça
Com os tardos bois se ausenta,
Ao som da minha cantiga,
Mais se alegra, e se contenta.

Não faço mal a nimguem:
(Digão minhas companheiras)

Vivo alegre já nos limos,
E já por estas ribeiras.

Porém tu que me repre'ndes,
Quanto hes de miseria chea!
Quanto he triste a opaca sorte,
Que sobre o teu tecto alêa!

Cantas melhor do que eu canto:
O' Dama, certo he verdade;
Mas, que val? se em tudo o mais
Eu tenho a suprioridade?

Vale mais na collisão
Do mandado, e permittido;
Cumprir primeiro o mandado:
Creio, que isto te he sabido:

Ora agora o caso applica:
Não cantar bem he melhor,
Que bem cantar; e no mais
Do que huma Ram ser peior.

QUADRAS.

1.ª

A Paixão, que em mim se nutre,
Não tem força amortecida:
Afronta a mudez da Campa;
Tem poder além da vida.

2.ª

Perde a voz, desmaia, e morre
A paixão mais encendida:
Mas se amor lhe rege os vôos,
Tem poder além da vida.

3.ª

Não desbota a negra ausencia
Minha paixão desmedida:
Menoscaba o amante a morte:
Tem poder além da vida.

4.ª

Amor he nobre paixão,
No centro d'alma nascida:
Pois que a alma não morre; Amor
Tem poder além da vida.

5.ª

Contra mim do mundo inteiro
Veja a furia convertida:
S'eu morrer, amor não morre:
Tem poder além da vida.

6.ª

Não só tem amor a terra
A seu imperio rendida,
Tambem domina os Elisios:
Tem poder além da vida.

7.ª

D'eterno amor sacra jura
Hade ser por mim cumprida;
Não tremas; que amor me guia:
Tem poder além da vida.

MOTE.

Os Ceos me paguem os roubos,
Que me fez a má ventura.

Gloza.

Lilia!.. a meus braços roubou-vos *
Fiel Ministro do Ceo:
Por isto, quererei eu
Os Ceos me paguem os roubos?
Ah! não! se Jove formou-vos
Com divina formosura;
Se tão bella creatura
Não merecia hum mortal;
Aos Ceos não imputo hum mal,
Que me fez a má ventura.

A AVEZINHA.

OS teus Pais, ó Avesinha,
Criei-os na minha estancia;
E nella tambem colheste
A tenra, mimosa infancia.

* *Cam. San.* CLVI.

Na posse delles gosava
Noites, e dias dourados:
Não tive na posse delles,
Momentos desventurados.

Oh! difrença! a morte os rouba,
Dou começo ao suspirar;
Porém como os tinha em ti,
Dava trégoas ao pezar.

Minha morada cubrio-se
De luto pelos teus Pais;
Por teus Pais d'instante, a instante
Sólta lastimosos ais.

Dias alguns mantiveste
A idéa de ti formada:
Dos teus Paisinhos a imagem
Tinhas em ti retratada.

A gaiolla em vão te abria:
Tinhas-me tanta amisade,
Que antes a prisão querias,
Que o nectar da liberdade.

No curvo poleiro erguias
Da tua voz o trinado,
Desde o começo do dia,
Até o dia acabado.

Poucos instantes gastavas
No teu sustento, avesinha,
Cantiga estudando aquella,
Que mais minha alma entretinha.

Dos altos Ceos a alegria
Tive na estancia encerrada;
Tornaste hum Ceo, com teu canto,
Da minha turva morada.

Quando te punha á janella
Outras aves se callavão;
Mesmo os Rouxinoes nocturnos
Juro, que até te invejavão.

Porêm como de repente
Os meus prazeres murchárão!
Fugiste; e com tua fuga
Os meus prazeres voárão.

Hoje os campos do Mondego
Alegras com teu cantar:
Hoje o meu coração triste
Se nutre só do pezar:

Se ouvido huma vez houveras,
„ Que não há melhor escólla
Para a ave, que a liberdade „
Não deixáras a gaiolla.

Porém, queira o Ceo que estejas,
Se arrependida estiveres:

Volve a mim, com a vinda tua
Virão de novo os prazeres.

A minha estancia de novo
Gosará dias dourados.
Como aquelles, que lhe davas
Com teus doces modulados.

Mas que digo? .. a morte, a morte
Já talvez te haja acabado:
Talvez que ella o teu corpinho
Em cinzas tenha tornado.

FIM.

CATALOGO

DOS

Senhores Subscriptores aos Poemas de Ovidio Saraiva de Carvalho e Silva.

Agostinho Alexanddre Cavróe.
Agostinho Marques Perdigão.
Alexandre José de Carvalho.
Anna Horris.
Anna Peregrina de Sena. (D.)
Antonio d'Agorreta Pereira.
Antonio Alexandre da Cunha Reis.
Antonio d'Almeida Menezes e Vasconcellos.
Antonio Barreto Ferraz e Vasconcellos.
Antonio Barboza de Madureira.
Antonio Bernardo Caldeira Tenilhas.
Antonio Bernardo de Figueiredo Abreu.
Antonio de Castellões.
Antonio Domingos Martins.
Antonio Fernandes da Cunha.
Antonio Fernandes Monteiro.
Antonio Fernandes d'Oliveira.
Antonio Gonçalves da Costa Crespo.

Antonio José do Amaral.
Antonio José Gomes d'Araujo.
Antonio José da Fonte Filho
Antonio José de Lima.
Antonio José Lopes de Moraes.
Antonio José das Neves. *Lente em Filosofia.*
Antonio José de Seixas.
Antonio José da Silva.
A Illustrissima D. Antonia de Magdalena Quadros e Souza, *Senhora de Tavarede.*
Antonio Maria Cardoso.
Antonio Maria Ribeiro.
Antonio Mendes Ribeiro.
Antonio de Padua Leite e Mendanha.
Antonio Pinheiro de Azevedo e Silva. *Lente em Canones.*
Antonio Rodrigues da Costa.
Antonio Sergio Doninho Sueiro.
Antonio de Souza Pinto.
Antonio Teixeira d'Abreu e Bacellar.
Balthasar de Faria Pereira Barreto.
O Barão de Tavarede.
Bernardo Antonio Corrêa de Sá e Moura.
Bernardo de Figueiredo de Sousa.
Bernarda Joaquina Rebella (D.)
Bernardino Luiz Rodrigues.
Carlos Raimundo Xavier Diniz Villas-Boas.
Christovão Avelino Dias.
Custodio José Marques.
Custodio Manoel d'Almeida Macedo.
Domingos Cordeiro Carrilho.
Domingos de Mulla de Carvalho.

Estevão Ferreira da Cruz Soares.
Faustina Isabel Rebella. (D.)
Faustino Ferreira de Noronha.
Feliciano Antonio da Silva Cabrita.
Feliciano José Coelhaes.
Fernando José Nunes Mórgado.
Francisco Alexandre Lobo. *Lente em Theologia.*
Francisco Antonio da Silva Cabrita.
Francisco de Brito Lobo Leaça.
Francisco Franco Pereira.
Francisco Jaques Salinas de Benevides. *Lente em Leis.*
Francisco João Brady.
Francisco José de Magalhães.
Francisco José de Miranda Guimarães.
Francisco José Pereira.
Francisco Seara Martins.
Francisco José de Seixas.
Francisco Luiz Dantas Coelho.
Francisco Luiz de Gouvêa Pimenta.
Francisco Manoel Campos.
O Illustrissimo Francisco Manoel Trigozo de Aragão Morato. *Oppositor em Canones.*
O Illustrissimo Francisco Pereira Forjaz.
Gaspar Navarro Saldanha e Andrade.
Gaspar Ribeiro.
Ignacio Antonio Lage.
Jacinta Isabel Rebella. (D.)
Jeronymo Luiz da Silva.
Joanna Rosa Rebella. (D.)
João Agostinho Barbaza.

João Antonio Rodrigues de Souza.
João Bernardo Franco.
João Coutinho de Oliveira e Faro.
João da Cunha Preto.
João Evangelista Alves de Araujo.
João Filippe Coelho Valladares.
João Gonçalves Marques.
João José Ribeiro de Abreu Furtado.
João Martins Pereira.
João da Nazareth Moxia. (Fr.)
João Nogueira Gandra.
João Pedro de Figueiredo da Guerra.
João dos Ramos.
Joaquim Alves d'Araujo.
Joaquim Celestino Albano Pinto.
Joaquim Elipio da Costa.
Joaquim Fernandes do Coutto.
Joaquim Ignacio Roque dos Santos.
Joaquim José Ferreira de Carvalho.
Joaquim José Mendes.
Joaquim José Pereira de Carvalho.
Joaquim José Rodrigues de Brito. *Lente em Leis.*
Joaquim Pereira Vasconcellos Souza.
Joaquim dos Ramos.
Joaquim de Seixas Diniz. *Lente em Leis.*
Joaquim Themoteo de Souza da Silveira.
José d'Abreu Carneiro e Vasconcellos.
José de Almeida Barboza.
José Antonio de Campos.
José Antonio Franco Carvalhoza.
José Antonio Soares Mendes.

José Bernardino Baptista.
José Bernardino de Souza Peixoto.
José Bonifacio d'Araujo e Azambuja.
José Callisto de Andrade.
José da Costa Monteiro.
José da Costa e Andrade.
José Cupertino da Fonseca e Brito.
José Dias Torres.
José Fernandes Alvares Fortuna. *Lente em Canones.*
José Ferreira Pinto. *Opposítor em Canones.*
José Francisco de Medeiros.
José Gomes Secco.
José Gomes da Silva e Castro.
J. Gonçalves.
José Homem da Fonseca.
José Ignacio da Rocha Peniz. *Lente em Canones.*
José Joaquim Antunes.
José Joaquim de Andrade Machado.
José Joaquim Barboza.
José Joaquim de Carvalho.
José Joaquim de Figueiredo.
José Joaquim Fortuoso.
José Joaquim Ribeiro Serqueira.
José Joaquim da Silva. *Lente em Leis.*
José Leite de Magalhães.
José Lino dos Santos.
José Lourenço Gomes.
José Luiz Carlos de Assis.
José Luiz de Carvalho.
José Manoel Rodrigues Guimarães.
José Marcelino Gonçalves.

José Maria de Albuquerque.
José Maria do Couto.
José Maria de Souza e Almeida.
José Maria Treneiro.
José de Mattos Pereira.
José de Moura Coutinho.
José Pedro da Costa. *Lente em Leis.*
José Pedro Dias Pessoa.
José Pedro Jorge.
José Pedro Martins.
José Pereira d'Almeida e Souza.
José Pereira Guimarães.
José Pereira Lopes Silva.
José Pinto Fontes. *Lente em Leis.*
José Pinto Vasconcellos.
José Raimundo Souza Lobo.
José Ricardo da Costa,
Lourenço Justiniano do Couto.
Luciano José Pereira da Maia.
Luiz d'Abreu Gomes.
Luiz Antonio Rebello.
Luiz Antonio Viegas.
Luiz Cipriano Rebello.
Luiz Duarte de Bulhão e Costa.
Luiz Gonzàga da Silva.
Luiz José da Victoria.
Luiz Pinto Caldeira Mendanha.
Luiza Thereza. (D.)
Luiz Vicente de Barros e Souza.
Manoel da Costa Pinto.
Manoel Duarte da Fonseca.
Manoel Garcia Monteiro.

Manoel Jacintho Lipio da Costa.
Manoel Joaquim Ribeiro Centurio.
Manoel Joaquim Varella de Souza.
Manoel José da Costa e Souza.
Manoel José Soares.
Manoel Lopes Lebre.
Manoel José Peixoto.
Manoel José de Souza.
Manoel de Mattos Viegas.
Manoel Martins da Hora.
Manoel Monteiro da Fonseca Quaresma.
Manoel Pacheco de Rezende. *Lente em Theologia.*
Manoel Pedro Baptista Machado.
Manoel Pereira da Silva.
Manoel Pinto Coelho de Castro.
Manoel Pinto de Queiróz.
Manoel dos Santos Almeida e Vasconcellos.
Manoel Serqueira Ribeiro.
Manoel Simões Pires.
Manoel de Vasconcellos Pereira Bravo.
Margarida Maxima Leal. (D.)
A Excellentissima D. Maria Anna de Souza Castello Branco.
A Excellentissima D. Marianna Joaquina de Souza Coutinho.
Marianno José da Silva.
Martinho Teixeira Homem.
Miguel Gomes Soares.
Narcizo Joaquim de Araujo Soares. *Lente em Leis.*
O Illustrissimo Nuno Freire de Andrada.

Paulo Gomes d'Abreu.
Pedro Lopes d'Almeida Cardozo.
Pedro Viegas Ferraz de Novaes.
Placido Vaz Teixeira Maldonado.
Porfirio Hemeterio Homem de Carvalho.
Rodrigo Rollão Couceiro Pimentel. *Lente em Canones.*
Romão Luiz de Figueiredo.
Sabino Antonio de Lara.
Samuel Noel.
Sebastião d'Albuquerque Pinto Tavares.
Serafim d'Almeida Carvalho.
Simão de Cordes Brandão e Ataide. *Lente em Canones.*
Thomaz d'Aquino Ferreira.
Thomaz Soares de Andrade.
Tristão Martinho d'Almeida.
Victorino de Barros Carvalhaes.

PQ 9261 .S476 A6 1806 C.1
Poemas, que ao Illustrissimo s
Stanford University Libraries
3 6105 039 184 762